

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Bacharelado em Museologia



Monografia

Para uma Musealização da Arqueologia da Escravidão: Apontamentos Acerca da Preparação do Sítio Histórica Charqueada Santa Bárbara (Pelotas, RS) para Visitação e Estratégias de Preservação Patrimonial

Francielen Barbosa Soares Gonçalves

Pelotas, 2013

Francielen Barbosa Soares Gonçalves

Para uma Musealização da Arqueologia da Escravidão: Apontamentos Acerca da Preparação do Sítio Histórico Charqueada Santa Bárbara (Pelotas, RS) para Visitação e Estratégias de Preservação Patrimonial

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luís Machado Sanches

Pelotas, 2013

Banca examinadora

Prof.Dr. Pedro Luís Machado Sanches (orientador)

Prof. Dr. Lúcio Menezes Ferreira

*Dedico esse trabalho aos meus pais
Vandir Gonçalves e Fernanda Gonçalves
as minhas tias Albina Soares e Maria Soares
pelo amor e educação que sempre dedicaram
e pelo incentivo no período da minha graduação.*

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me ajudado nesses quatro anos de graduação no curso de Bacharelado em Museologia. Depois, aos meus pais, familiares e amigos, pelo incentivo para ingressar na universidade e também, àqueles que me auxiliaram direta e indiretamente para seguir sempre em frente nos meus estudos, concretizando assim, o meu sonho de ter uma carreira profissional.

Agradeço ao meu orientador e professor Doutor Pedro Luís Machado Sanches, pois através de suas aulas na disciplina de Arqueologia e Acervos Museais, consegui vincular a teoria à prática de uma forma prazerosa. Durante esse processo, participei de escavações na Charqueada Santa Bárbara e de imediato, me interessei por este tema, decidindo então, que o mesmo nortearia meu trabalho de conclusão de curso. Professor, obrigada por acreditar no meu potencial, sempre me encorajando para a realização do mesmo.

Aproveito o espaço para agradecer a todos os professores do curso de Bacharelado em Museologia que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento pessoal. Aos técnicos e funcionários do departamento de extensão, deixo aqui meu apreço, pois muito ajudaram para o desenvolvimento do meu trabalho.

Sou grata ao professor Daniel Barbieri e aos demais funcionários da Bibliotheca Pública Pelotense pela oportunidade de realização do meu estágio. Todo o tempo que permaneci estagiando, tanto no Centro de Documentação e Obras Valiosas como no Museu Histórico da Bibliotheca Pública, sem dúvida, eles contribuíram significativamente na minha formação na área da museologia.

Às professoras, Doutora Francisca Ferreira Michelin, Sarah Maggitti Silva e Ms Noris Mara Pacheco Martins Leal, pela oportunidade de estágio, e também, por ter a chance de trabalhar com as mesmas na universidade como bolsista da graduação e do projeto de extensão de que fiz parte por mais de um ano, deixo aqui meu carinho.

Agradeço as amigas que cultivei durante os quatro anos de graduação, e em especial, a turma 2013 da qual faço parte. Aos demais colegas dos outros

semestres pela boa convivência e o meu carinho especial, às colegas Arlete Pereira, Ana Lúcia Pinto, Carmen Weber, Heron Moreira, Isabela Manzzini, Luana Bassa e Simone Samuel, Tatiana Rocha.

Enfim, finalizo aqui mais uma vez, agradecendo a todos que mencionei e que de certa forma incentivaram para que eu conseguisse realizar o meu sonho. A todos deixo aqui o meu abraço.

Conto de Areia
Clara Nunes

É água no mar, é maré cheia ô
mareia ô, mareia
É água no mar...

Contam que toda tristeza
Que tem na Bahia
Nasceu de uns olhos morenos
Molhados de mar.

Resumo

GONÇALVES, Francielen Barbosa Soares. **Para uma musealização da arqueologia da escravidão: apontamentos acerca da preparação do sítio histórico Charqueada Santa Bárbara (Pelotas, RS) para visitação e estratégias de preservação patrimonial.** 71f. Monografia – Curso de Bacharelado em Museologia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Este trabalho de conclusão de curso apresenta uma proposta de musealização do sítio histórico Charqueada Santa Bárbara (Pelotas, RS). Os apontamentos acerca da relação entre a museologia e a arqueologia da escravidão têm como finalidade a preparação do sítio para visitação e estratégias de preservação patrimonial.

Palavras-chave: Charqueada Santa Bárbara; Musealização de Sítios Arqueológicos; Patrimonialização; Arqueologia da Escravidão.

Lista de Figuras

Figura 1	Fotografia da Charqueada Santa Bárbara.....	37
Figura 2	Fotografia das Ações Educativas	38
Figura 3	Fotografia das Escavações com a Equipe	40

Sumário

Introdução.....	10
1 Proposta de musealização no sítio histórico Charqueada Santa Bárbara.....	14
1.1 Definição de Musealização de Sítios Arqueológicos	14
1.2 Contextualização da Proposta de Musealização em Sítios Arqueológicos .	15
1.3 Medidas Básicas de Preservação Patrimonial.....	16
1.4 Impactos das Escavações Arqueológicas	18
1.5 Arqueologia da Escravidão	18
2 A Preparação do Sítio Arqueológico Santa Bárbara para visitaçã	37
2.1 Definições Iniciais	39
2.2 Recursos Expográficos	40
2.3 Valorização da Cultura Africana	43
2.4 Discurso Museológico e Educação patrimonial	52
Considerações Finais	63
Fontes Documentais	66
Referências Bibliográficas	66
Consultas on-line	70

Introdução

Esse trabalho de conclusão de curso tem a finalidade de propor a musealização na Charqueada Santa Bárbara, apontando meios e estratégias de preservação desse patrimônio cultural, que possam combater a perda de vestígios materiais desse antigo complexo charqueador pelotense. Muitas temáticas tornar-se-iam possíveis para este sítio, pelo fato de abordar a escravidão, um tema muito relevante no panorama cultural e no processo de patrimonialização da cidade de Pelotas.

O ato de musealizar é um dos meios de preservar o sítio arqueológico, reconhecendo seu valor histórico e a importância em conhecer os vestígios da presença dos africanos nesse local.

Não há dúvida da contribuição dos africanos e afro-descendentes para o Rio Grande do Sul, seja no desenvolvimento econômico, no povoamento e nas manifestações culturais e religiosas. Esse sítio histórico possibilita relacionar a história do lugar com outras informações e resgatar a memória coletiva acerca do próprio patrimônio, considerando especificamente a presença dos africanos, dos vestígios da escravidão e seus contextos arqueológicos.

Implementar a musealização é também um modo de salvaguardar o conjunto arquitetônico, ressaltando a importância de políticas de proteção no processo de patrimonialização. A ausência delas também motivou a proposta de musealização na Charqueada Santa Bárbara.

No ano de 2012, na disciplina de Arqueologia e Acervos Museais ministrado pelo Professor Doutor Pedro Luís Machado Sanches, tive o privilégio de conhecer o antigo complexo saladeril e de saber da existência da Charqueada Santa Bárbara. Logo no início, houve de minha parte um encantamento com os diversos vestígios arqueológicos deixados pela escravidão e, a partir da aula prática durante as escavações realizadas neste sítio, defini qual seria o tema do meu trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em Museologia.

O primeiro terreno do antigo complexo charqueador é baldio e se situa entre as ruas Benjamim Constant, Santos Dumont e Conde de Porto Alegre. Segundo, encontra-se entre as ruas Barão de Santa Tecla, Conde Porto Alegre e João Manoel. (JAÉNKEL, 2012).

A atividade econômica da estância Santa Bárbara era o charque produzido por meio da exploração escravista. A propriedade entrou em crise com a morte de José Vieira Vianna e sua total desestruturação ocorreu ainda no século XIX. (JAÉNKEL, 2012).

Dentre os muitos proprietários, os mais importantes foram sem dúvida, o charqueador Manoel Alves de Moraes, sua esposa Rita Leocádia de Moraes e o genro deles, José Vieira Vianna, casado com Rosália Alves Vianna. (JAÉNKEL, 2012).

“A Charqueada Santa Bárbara é um dos sítios estudados no programa de pesquisa “O Pampa Negro”: Arqueologia da Escravidão na Região Meridional do Rio Grande do Sul” (1780-1888), desenvolvido pelo Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica da Universidade Federal de Pelotas (LÂMINA - UFPel) desde o ano de 2010 com a participação de diversos profissionais de várias especialidades, sob a coordenação do Professor Doutor Lúcio Menezes Ferreira.

Este programa promove atividades de ensino voltadas à temática da escravidão e da cultura africana no local, o que permite abordar essa temática de outros modos, inclusive pelo viés da musealização do sítio, dando enfoque à identidade cultural afro-brasileira.

Neste trabalho serão consideradas medidas preservacionistas, a viabilidade e a comunicação museológica ao longo do percurso de visitação, propostas essas fundamentais para resgatar a historia da antiga estância Santa Bárbara.

No momento, a musealização do sítio se justifica pelo fato dela estar recebendo intervenções arqueológicas. O impacto dessas escavações está proporcionando aos inquilinos da Charqueada e à comunidade das imediações um contato raro com o tema em questão.

Um dos referenciais teóricos utilizados para essa pesquisa é a tese de doutorado de Maria Cristina Oliveira Bruno sobre o projeto arqueológico Paranapanema. Segundo Bruno (1995), a musealização está a serviço da sociedade, possibilitando a conservação dos bens patrimoniais e o melhor gerenciamento de informações.

Projetos de musealização de sítios arqueológicos, como o proposto na região do Paranapanema, já apresentavam necessidades semelhantes às da Charqueada Santa Bárbara:

O Projeto Paranapanema oferece uma plataforma científico-institucional estimulante para a formulação de modelos de musealização, pois o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas tem sido permeado por questões museológico-preservacionistas (BRUNO 1995, p.17).

Vale ressaltar que, de acordo com os preceitos da Nova Museologia e da Declaração de Quebec, a participação ativa da sociedade nas ações sociais e educativas e no desenvolvimento dos processos Museais, tendo por meta a transformação e a evolução social da sociedade, sempre visam à preservação do patrimônio cultural.

Essa premissa permite discutir estratégias de musealização na antiga estância Charqueada Santa Bárbara que contribuam para a compreensão da cultura de origem africana e dos indicadores de memória vinculados a esse patrimônio. O passado escravista charqueador pode ser tematizado citando, por exemplo, a localização dos galpões enfileirados da antiga construção e também a flora do local, que pode ter sido plantada pelos escravos.¹

A preservação desses indicadores de memória é imprescindível, eles devem ser pesquisados e devemos tentar ter a devida confirmação da presença dos africanos no período escravocrata das charqueadas pelotenses. A escravidão será o foco principal do trabalho, o que envolve também outros atores sociais desse complexo industrial, tais como a família dos charqueadores e os trabalhadores livres.

A proposta de musealização na Charqueada, assim como a presença atuante de museólogos e de estudantes de museologia nas escavações arqueológicas, contribui para a proteção desse patrimônio cultural ao promover a comunicação das pesquisas e seus resultados ao público em geral.

O presente trabalho tem por objetivo contribuir com esta mesma análise e com os questionamentos acerca da escravidão em Pelotas e também da história da presença negra na região. Também visa conhecer temas que caíram no desconhecimento da comunidade local, assim como a existência desse extinto empreendimento charqueador.

¹ Hipóteses de trabalho levantadas pelos integrantes do programa "O Pampa Negro".

Pretende-se também através desse, propor alternativas viáveis, tendo o apoio de mediadores e vários outros suportes técnicos e científicos que permitam aos visitantes compreender a história da era charqueadora no município de Pelotas, bem como, seu contexto social, cultural e a linguagem própria da temática da arqueologia da escravidão.

A pesquisa em arqueologia da escravidão pode evidenciar que os africanos, apesar de todo sofrimento que passavam, não eram passivos. Embora vivessem em situação desumana, demonstravam sua resistência e mantinham mesmo escravizados, as características de sua cultura.

Não se pode esquecer que o estudo de Arqueologia da Escravidão possibilita abordar a cultura material africana nos seus diversos aspectos, em especial, nos rituais religiosos que faziam questão de manter, apesar de estarem cativos. Estes rituais eram de extrema importância, pois com eles, os africanos mantinham sua cultura viva através da fé e da resistência à escravidão.

Este trabalho de conclusão de curso será dividido em dois capítulos que possuem ligações entre si. A preservação, a acessibilidade de locomoção e a comunicação museológica, além da memória, identidade afro-brasileira e das ações sociais de ensino, visando à educação patrimonial desta ligação.

O primeiro capítulo trata de uma apresentação teórico-metodológica da musealização da arqueologia, a partir de publicações sobre o tema e experiências desenvolvidas em outras regiões do Brasil e no exterior. O segundo capítulo trata diretamente da musealização do sítio histórico Charqueada Santa Bárbara, sua adequação à visitação e, tendo por finalidade de preservar a mesma e de evitar perder esses vestígios arqueológicos, pois ela é um achado arqueológico que será o suporte de pesquisa da arqueologia da escravidão no período charqueador na cidade de Pelotas.

O programa “O Pampa Negro”, visa propiciar o conhecimento das transformações ocorridas na sociedade pelotense e na região sul do estado, ao longo do período escravista. O devido conhecimento do passado possibilita comparações com os dias atuais, além da manutenção da integridade material da antiga estância, para as futuras gerações.

1 Proposta de musealização no sítio histórico Charqueada Santa Bárbara

A dissertação de mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural de Estefânia Jaénkel, *Paisagens Negras: Arqueologia da Escravidão nas Charqueadas de Pelotas (RS, Brasil)* mostra a importância do debate acerca da história da Charqueadas em Pelotas e o papel da Charqueada Santa Bárbara nesta história.

Sendo esta Charqueada um sítio histórico de interesse social, cujas escavações contam com a colaboração de museólogos e bacharelados em museologia, é possível reconhecer sua potencialidade de musealização.

1.1 Definição de Musealização de Sítios Arqueológicos

Musealizar um sítio arqueológico é um procedimento que visa sua valorização. Podemos abordar vários de seus aspectos, tais como: a preservação “*in situ*”, a socialização para os moradores que residem nos arredores e para os demais grupos sociais, a preparação do sítio para visitação, ações sociais e educativas, novas pesquisas arqueológicas, etc.

Olga Matos discute no artigo Valorização de Sítios Arqueológicos (2008) os preceitos de Franco Minissi. Segundo eles, ao valorizar um patrimônio arqueológico não bastam dar a ele um significado simbólico, mas sim, perceber os valores intrínsecos do mesmo, traduzir as informações, possibilitar novas atribuições e a transmissão dessa comunicação a todos.

O pesquisador Minissi esclarece que o procedimento de musealização de sítios tem por finalidade a análise crítica dos contextos arqueológicos que são testemunhos culturais de civilizações do passado que necessitam ser pesquisados, sendo que a conservação e preservação dos mesmos sejam da mesma forma que é realizada nos museus.

Portanto, considerando que musealizar atribuindo valores e significados aos bens patrimoniais, independentemente de sua categoria, pode ser realizado nos museus ou fora deles, além disso, no artigo de Mello, Barroso (2011) explicita por partes o que é “musealização” e “musealização *in situ*”. Segundo esses autores, a

musealização é o modo de preservar e conservar a materialidade, as informações do patrimônio selecionado, ampliando o conhecimento do bem patrimonial pesquisado e possibilitando que tudo seja documentado, facilitando o acesso à comunicação dos resultados obtidos na pesquisa pelo público.

Na intervenção arqueológica, a musealização “*in situ*” tem por objetivo não prejudicar a paisagem do sítio, pois queremos a preservação do patrimônio e o acesso à comunicação no percurso dos visitantes, aliando adequação do espaço à visitação e também aproveitando os contextos arqueológicos existentes, sobretudo, sua manutenção original, evitando sua descontextualização.

1.2 Contextualização da Proposta de Musealização em Sítios Arqueológico

Serão utilizados os conceitos de musealização dos autores Guimarães, Nascimento (2006) no sítio arqueológico Charqueada Santa Bárbara, levando em consideração as condições ambientais, sociais, culturais da localidade, atendendo assim, às solicitações das comunidades locais e da população.

Por enquanto, a antiga estância não foi musealizada, mas é um ambiente de produção de conhecimentos de várias áreas científicas como da história da cidade de Pelotas e da região, no progresso econômico da era charqueadora. Também resgata a cultura africana e a atuação dos escravos no extinto empreendimento saladeril.

A Charqueada Santa Bárbara, situada nas proximidades do Arroio Pelotas e cercada dos contextos arqueológicos existentes no sítio, passaram por diversas transformações no período compreendido entre o século XVIII e o XXI, em consequência da ação do tempo e das várias modalidades de trabalho desenvolvidas ou realizadas pelo homem nesse patrimônio arqueológico.

Parte do prédio histórico remanescente do período charqueiro se mantém até hoje como imóvel alugado às famílias, porém os vestígios ainda permanecem no entorno do mesmo, bem como a paisagem natural localizada nos fundos das residências.

Na dissertação de mestrado de Jaénkel (2012) ela cita que com o tempo o prédio da antiga Estância que surgiu no século XVIII sofreu várias modificações alterando as suas características originais.

A musealização mais uma vez se faz necessária porque em breve os resquícios remanescentes da época saladeril, com a presença atuante dos escravos e da cultura africana na charqueada, não existirão mais, sendo uma perda irreparável das informações dessa época.

1.3 Medidas Básicas de Preservação Patrimonial

O referencial importante desta pesquisa é o artigo de Guimarães e Nascimento (2006). Tais autores discutem como proteger os sítios arqueológicos de todos os processos de degradação, seja por causa das escavações, ação do tempo, da visitação, entre outros.

A população não vai valorizar o seu patrimônio cultural com uma política ineficiente dos bens patrimoniais. Na maioria das vezes, a tendência do cidadão é proteger o seu próprio patrimônio, ao invés de ter o devido cuidado com o patrimônio público.

É necessária uma análise sistemática e rigorosa no sentido de prever e prevenir os impactos advindos da visitação sistemática em quaisquer partes do sítio. O estabelecimento de roteiros de visitação deverá prever a implementação de elementos infra-estruturais de proteção tanto para os vestígios arqueológicos, quanto para os visitantes (GUIMARÃES; NASCIMENTO, 2006, p.15).

Os procedimentos de preservar são importantes porque a maioria da sociedade ainda acredita que o ato de musealizar somente acontece no interior de instituições museológicas, sendo isso um equívoco, porque as ações socioculturais podem ser desenvolvidas longe do universo dos museus.

De acordo com o artigo (REIS; 2011), a museologia se tornou mais atuante quando se aproximou das comunidades onde as práticas museológicas podem ser desenvolvidas fora do ambiente dos museus. Os museus comunitários ou de vizinhança existem sem terem a necessidade de possuir acervos, enquanto os “museus tradicionais”, geralmente são instalados no interior de prédios históricos, na sua maioria com características elitizadas.

Se o estilo arquitetônico da instituição representa a elite, é certo que por esse motivo, propicia o afastamento de determinados segmentos sociais, pois as comunidades não se sentem a vontade de entrar e conhecer o museu. Porém, a Museologia está ampliando o seu campo de conhecimento com a Nova Museologia,

através da concepção dos novos formatos de museus com o objetivo de promover a participação da comunidade.

Os procedimentos de musealização possibilitando a patrimonialização podem acontecer nas imediações do patrimônio, tanto natural quanto cultural, assim como, em torno das novas instituições museológicas que têm por objetivo a inserção social e a qualidade de vida das comunidades, sobretudo, o direito à memória popular desses grupos sociais tão importantes para uma determinada região e que não é documentada.

Outro modo de proteção é a limpeza periódica, principalmente nos fundos das residências e a necessidade de ter iluminação nesse setor à noite. Sendo essencial a presença de seguranças ou vigilantes no turno da noite, além disso, a colocação de cercas ou similares no entorno da charqueada, porque temos como finalidade impedir o acesso indevido de desconhecidos no local. Também é necessária a higienização das ruínas e retiradas de pequenos arbustos como ervas daninhas, capins, etc. (MATTOS; 2008).

A autora Matos discute a manutenção de bens arqueológicos se tornando muito difícil quando esse bem patrimonial é privado. Por exemplo, no caso da Charqueada Santa Bárbara tem um proprietário que permitiu as escavações arqueológicas, mas o mesmo poderia ter feito pelo menos o cercamento ou similares. Em qualquer situação é necessário o diálogo com as partes interessadas explicando as vantagens da conservação do sítio arqueológico e a importância histórica desse patrimônio cultural.

O célebre fato museal é também presente no pensamento de Maria Célia Santos, que cita em sua obra a definição de Waldisa Russio segundo a qual ele é "a relação profunda entre o homem, sujeito conhecedor, e o objeto que é parte da realidade à qual o homem pertence e sobre a qual ele age (CADERNO DE SOCIOMUSEOLOGIA; 2003; p.9).

O espaço compreendido na antiga estância situada nas margens do Arroio Pelotas estando em contato direto com o patrimônio ambiental da região, permite a aproximação do homem com o meio ambiente. De acordo com Waldisa Russio é o fato museal (1989) diz: relação do homem e o objeto.

O texto *Museus e Educação Conceitos e Métodos* (SANTOS; 2001) o presente constrói o passado e vice-versa, pois é através da memória de uma cultura que fortalecemos a identidade de uma nação. Pode-se dizer que o patrimônio

cultural é a relação do homem com o meio através dos processos de musealização surgindo em conjunto dos novos tipos de museus comunitário e vizinhança.

1.4 Impactos das Escavações Arqueológicas

O trabalho de conclusão de curso Bacharelado em Museologia de autoria de Ana Paula Leal (2011) esclarece que a escavação ocasiona impactos irreversíveis ao patrimônio coletivo. Todavia todo esse procedimento científico visa proporcionar benefícios à sociedade objetivando amenizar essa intervenção através dos resultados obtidos das pesquisas arqueológicas e das interpretações da cultura material de civilizações.

Na Charqueada Santa Bárbara o resultado da pesquisa na arqueologia da escravidão pode interpretar a cultura africana através dos seus rituais religiosos e da resistência dos escravos de manter sua identidade ativa mesmo longe do seu país de origem.

A intervenção no sítio histórico possibilita investigar e resgatar a cultura e a identidade dos africanos. Nas várias temáticas possíveis nesse trabalho, optamos pela arqueologia da escravidão muito pouco abordada no Brasil e que têm profissionais atuando nessa área como Lúcio Menezes Ferreira, Pedro Paulo Funari e Luís Symanski (MATTOS; PETERS; TAVARES; FERREIRA; 2011).

1.5 Arqueologia da Escravidão

Segundo Lúcio Menezes Ferreira (2009), é possível afirmar que a Arqueologia da Escravidão possibilitou de estudar a cultura material africana e também a resistência dos mesmos.

No passado, diversos profissionais de várias áreas do conhecimento afirmavam que os africanos não confeccionaram uma expressiva cultura material (FERREIRA 2009). Porém, as reivindicações das classes excluídas e de minorias étnicas nos Estados Unidos fizeram com que a arqueologia se interessasse por esses grupos sociais marginalizados na sociedade. Essa nova disciplina arqueológica propiciou de estudar e compreender os africanos, seus contextos sociais e culturais.

Na revista eletrônica “Museu” de novembro de 2012, os autores Lúcio Menezes Ferreira, Pedro Paulo Funari e Aline Vieira de Carvalho discutem sobre arqueologia da escravidão, suas histórias e transformações a partir dos anos 1960, associando-as às escavações das ruínas das treze colônias e das *plantations*. O objetivo das escavações era subsidiar os projetos então em cursos, de restauração dos edifícios das *plantations*, numa clara política de preservação e de culto dos artefatos dos “pais fundadores” da nação. “Contudo, esses primeiros trabalhos arqueológicos identificaram, quase por acaso, a cultura material escrava”.

Pesquisando a identidade cultural dos africanos, podemos conhecer um pouco da história da África, desde a trajetória histórica da retirada dos africanos à força do seu país de origem, que influenciou por completo no seu modo de vida e cultura, porque agora escravizados convivendo com outras nações que tem costumes e tradições européias ditas naquela época de “etnia superior”, os cativos tinham que se “adaptar” de qualquer maneira ao país desconhecido, porém sua cultura se mantendo inalterada, disfarçando os seus rituais para não serem punidos pelos seus proprietários.

Os escravos tinham que aceitar o cristianismo, situação muito comum nessa época, mantendo seus ritos religiosos em sigilo, como será apresentado no segundo capítulo desse trabalho no caso da gruta da Charqueada São João.

Na atualidade, a religião afro no Brasil se mantém ativa, sendo no início das reuniões proferidas as orações do Pai Nosso e Ave Maria e cultuando no ambiente as imagens de santos católicos. A celebração hoje ainda mantém um pouco das reminiscências do passado.

Os escravos na época da escravatura tinham o sonho de conseguir a liberdade, mas não conheciam o território brasileiro e sabendo que não era possível retornar à África, decidiram se refugiar em quilombos afastados da zona urbana e em locais de difícil acesso para dificultar a sua captura. (apud; HENNING 2006).

No artigo o Direito à Diversidade: Patrimônio e Quilombos de Palmares os autores Funari e Vieira (2005) afirmam que no período da ditadura militar a noção de proteção de bens patrimoniais era somente de prédios e construções representativos da elite e da etnia branca.

Esse modo de agir do governo militar, tendo por finalidade excluir as etnias indígenas e africanas são medidas arbitrárias e racistas porque não podemos negar que temos a herança das manifestações culturais de diversas nações estrangeiras dentre eles os africanos, europeus, asiáticos, etc.

No passado, a Serra da Barriga era o Quilombo dos Palmares que teve um grande destaque nacional, pois nessa região os escravos se refugiavam e também abrigavam outras etnias tanto de moradores coloniais e estrangeiros, como demais grupos sociais marginalizados da sociedade (FUNARI, 2010).

Os moradores africanos do quilombo buscavam se afastar totalmente de tudo que fosse relativo à cultura dos seus opressores. Os escravos fugitivos mantinham os costumes e as tradições da nação africana, porém mesmo residindo nesse ambiente de resistência e convivendo com a diversidade de grupos étnicos e estrangeiros, tentavam ter uma identidade única que os diferenciasse dos demais habitantes (FUNARI, 2010).

Segundo Funari (2010), a pluralidade de identidades no extinto Quilombo dos Palmares representam a diversidade cultural numa localidade de resistência dos africanos, permitindo discutir esse patrimônio que foi construído pelos escravos rebelados e tendo por objetivo preservar tudo que seja relacionado ao passado dessa nação e interpretar a cultura deles, desde a sua dominação moral, social e cultural ao direito de garantir sua liberdade.

Segundo a autora Hennig (2010) o quilombo de Palmares que abrigava os escravos fugitivos permaneceu por mais de cem anos resistindo a diversos ataques, pois essa região era protegida por paliçadas. Foram investidas várias invasões mal sucedidas pelos bandeirantes, vindo a conseguir o seu objetivo de destruir o quilombo em 1695 com o uso de canhões. O líder desse quilombo era o Zumbi dos Palmares, tanto que, nos dias atuais ainda é considerado como herói pela comunidade africana e afro- descendente.

A ação de preservar tem influência direta na consolidação das identidades e das manifestações culturais de uma civilização, pois todos têm o direito à perpetuação da memória do passado independente se foram positivas ou não. A pesquisa nesse trabalho de conclusão de curso tem por objetivo, na antiga Estância a materialização da memória esquecida no regime da escravatura e, além disso, evidenciar as produções culturais e rituais religiosos dos africanos, sobretudo, garantir a integridade dos bens naturais, arqueológicos, materiais do esquecido

complexo Charqueador da Santa Bárbara como uma proposta de preparação do sítio para a visita e preservação patrimonial.

As charqueadas de Pelotas abordadas pelos historiadores locais são específicas aquelas situadas às margens do Arroio São Gonçalo e Arroio Pelotas, portanto a antiga estância ser localizada no Arroio Santa Bárbara a maioria das informações obtidas da mesma proveniente de inventários *post-mortem* e da historiadora Ester Gutierrez e da dissertação da Mestra Estefânia Jaénkel (MATTOS, PETERS, TAVARES, FERREIRA, 2011).

São essenciais as escavações na charqueada, para que possamos descobrir e compreender as transformações no sítio histórico no passar dos anos e de investigar os diversos aspectos desse empreendimento charqueador, desde quando, não tinha ocupação nessa região até a presença do homem e da contribuição do mesmo na formação dos contextos arqueológicos.

De fato, ao apresentar o modo de vida e a unidade produtiva que tiveram nessa região e os atores sociais envolvidos na formação da paisagem no passado, sobretudo, os vestígios dos escravos. Portanto, faz-se necessário a formulação de hipóteses e medidas preservacionistas nesse patrimônio arqueológico, tendo a participação do museólogo e arqueólogo entre outros profissionais de várias áreas do conhecimento.

A Carta Internacional de Veneza de 1964 recomenda a conservação e restauração de monumentos e sítios. Segundo o artigo 15º consta nesse documento:

O trabalho de escavação deve ser executado em conformidade com padrões científicos e com a "Recomendação Definidora dos Princípios Internacionais a serem aplicados em Matérias de Escavações Arqueológicas, adotada pela UNESCO em 1956. (...) Devem ser asseguradas as manutenções das ruínas e as medidas necessárias para a conservação de elementos arquitetônicos e dos objetos descobertos (Carta Internacional de Veneza de 1964 Artigos 15 referente às Escavações).

A carta de Veneza de 1964 é um documento de valor internacional, tem por objetivo as medidas protetivas de sítios e monumentos históricos. Garantindo a integridade dos bens arqueológicos, sobretudo, não modificando as características originais nesse patrimônio, além disso, tudo que esteja relacionado ao andamento das atividades arqueológicas de serem registrados nos relatórios e fichas de trabalho de campo, porque em breve essas informações possam ser publicadas com

o uso de fotografias e mapas da região e da estratigrafia do solo sítio arqueológicos, pois se numa fatalidade de acontecer à perda de informações é algo incalculável.

Na convenção da Organização das Nações Unidas para a Educação e a Ciência e Cultura (UNESCO) realizada em Paris no ano de 1972 a definição de paisagem natural são construções reunidas ou isoladas que se integram no patrimônio ambiental, portanto no caso dos sítios arqueológicos sua formação tanto pode ser da natureza ou do homem, pois a constituição dos considerados bens arqueológicos podem ser classificados pelo seu valor histórico, arqueológico, antropológico, etnográfico etc.

No Caderno de Sociomuseologia número 15(1999) afirma que não é permitida a reconstrução de contextos arqueológicos, mas os fragmentos dos exemplares soltos podem ser remontados, mas o procedimento que será realizado no bem arqueológico que está sob a intervenção tudo que foi alterado no sítio arqueológico essa mudança deve se apresentar perceptível a todos que observarem.

A pesquisadora Olga Matos (2008) menciona foi no ano cinquenta que aconteceu concretamente a atitude de conservação de patrimônios arqueológicos incluindo a restauração destes, tendo por objetivo a preservação dos mesmos acrescentando se a esse fato na Europa começando a expandir a musealização de sítios arqueológicos.

De fato, ao propor apontamentos de musealização na Charqueada Santa Bárbara, tendo em vista os três pilares da Museologia; preservação, investigação, e comunicação, precisam ser interdisciplinares, pois envolve o testemunho e a informação de várias áreas de interesse entre elas da Museologia, Arqueologia e a Antropologia, mas também a Arquitetura, a História, a Geografia, e até mesmo a Botânica e a Zoologia.

No artigo da Ilha do Marajó (FERREIRA; NASCIMENTO; 2011) as autoras concordam com dois posicionamentos de Maria Cristina Oliveira Bruno (1999) sendo que o primeiro se refere aos procedimentos museológicos são essenciais na preservação do patrimônio arqueológico e no segundo que afirma que no Brasil é muito pouco estudada e desenvolvida a musealização de sítios arqueológicos. (BRUNO; 2005).

O sítio arqueológico Ilha do Marajó (2011) tem similaridades com a antiga Estância, porque ambas tem pessoas que residem no próprio patrimônio e nas proximidades às autoras explicando o processo de valorização de sítios

arqueológicos não é somente de adequar o espaço a visitação, tendo por necessidade a realização de práticas museológicas e das ações sociais e a socialização dos moradores nas atividades socioculturais serem realizadas em primeiro lugar, com as comunidades locais e depois com a sociedade.

A contribuição das comunidades envolvidas direta e indireta nas práticas museológicas de um sítio de que os mesmos possam interpretar os vestígios arqueológicos e o significado desses elementos das civilizações do passado, por exemplo, nos dias atuais no caso da charqueada do estado do Rio Grande do Sul à cultura material africana do período XVIII e reinterpretá-las essas novas denominações ainda de incorporar no século XXI que a população possa compreender a temática da arqueologia da escravidão.

As autoras (2011) mencionam que tudo na vida tem um começo e fim, pois elas se utilizam da música “Tempo de Durar”, mas nada desaparece, porque tudo que esteja em destruição se transforma e se renovando de outra forma sua composição, tendo uma nova utilidade na natureza e contribuindo na vida social e científica da sociedade.

Aprimorando o questionamento das autoras as ruínas das antigas construções e dos contextos arqueológicos de uma paisagem que se transformam, pois no passar dos anos agregando novos dados e significações no campo científico, por exemplo, o fragmento de um vaso cerâmico pode descobrir o período da confecção desse exemplar e das civilizações ou tribos que utilizavam esse utensílio, outro exemplo no passado o sepultamento dos indígenas e dos restos alimentares humanos e de carcaças de crustáceos e conchas a transformação desses vestígios é os sambaquis permitindo de conhecer o modo de vida de determinadas civilizações extintas e também como era o bioma da região e os aspectos climáticos etc.

As modificações de qualquer contexto arqueológico seja por causa dos milhares de anos, homem, umidades, roedores, deixam marcas que contam uma história, vale mencionar que a constituição do petróleo se deve ao fato dos mares e restos de animais e vegetais mortos que foram encobertos por sedimentos e se tornaram rochas sedimentares essas diversas reações químicas formando o petróleo.

Na atualidade os prédios históricos restaurados pelos profissionais que tentam manter as características originais do imóvel, por exemplo, nos casarões do Centro Histórico de Pelotas na qual foram retirados os pisos e colocados outros, mas deixaram apenas um é original para sabermos como era originalmente. Nos museus as coleções fotográficas que foram restauradas através de programas especiais são deixadas algumas imperfeições, tendo por objetivo de demonstrar aos visitantes as ações do tempo nessa imagem.

Através das intervenções arqueológicas é importante para que possamos compreender as transformações da fauna e flora ainda da humanidade no passar dos anos. No caso do empreendimento Charqueador Santa Bárbara de investigarmos os diversos aspectos socioculturais desde lugar e a presença dos atores sociais envolvidos do passado nessa paisagem.

A intervenção seja em qualquer modelo de patrimônio arqueológico o resultado da pesquisa não podem estar somente restritos a universidade e a comunidade acadêmica envolvida, pois os dados obtidos provenientes das escavações de serem organizados de acordo com as práticas museológicas vigentes e ter o devido gerenciamento dessas informações obtidas. (BRUNO; 1999).

O autor Luís Raposo (1999) esclarece as comparações e diferenças de museus e sítios arqueológicos musealizados. Pois, o sítio é a criação da natureza no seu estado natural e das sucessivas transformações ocasionadas seja pelos aspectos climáticos, ambientais, homem.

O ato de valorizar é meio de preservar os contextos arqueológicos inseridos no seu ambiente de origem, além disso, reutilização dessa paisagem em que os visitantes podem estar em contato com os vestígios e de se imaginarem como poderia ser ou era aquele patrimônio no passado.

Mas, há pontos negativos de desenvolver a musealização de sítio arqueológico é a degradação da paisagem se deve ao fato de impactos no solo advindos da visitação em massa ocasionando perdas nos vestígios presentes do sítio e a reconstituição do ambiente sendo algo inadequado, porque nunca conseguiremos de fato se aproximar de como era esse patrimônio no passado, mesmo assim, evitando essa atitude, pois temos que demonstrar como está agora o patrimônio com suas devidas imperfeições, além de tudo, conservação de determinados bens móveis, por exemplo, os artefatos muito difíceis de manter no sítio arqueológico.

Segundo o Raposo (1999) as limitações dos museus em relação aos sítios que está descrito na página 14 diz:

- impossibilidade de recolha de todos os vestígios (designadamente os bens móveis);
- descontextualização dos objetos (descontextualização arqueológica e/ou paisagística);
- barreiras físicas entre objecto e visitante;
- acumulação de objetos em reservas, sem aparente utilidade social;
- exposição massiva de objectos, anulando-se mutuamente.

Os dados comparativos das vantagens dos museus com os sítios musealizados de acordo com Raposo (1999) na página 14 afirmam:

- melhores condições para a conservação dos vestígios;
- maiores capacidades de apresentação adequada dos vestígios (iluminação, som, etc.);
- prestação de serviços complementares;
- facilidade de acesso e inclusão em circuitos culturais mais amplos; e, sobretudo:
construção de todos os tipos de discursos de síntese, reunindo vestígios de proveniências as mais diversas.

De acordo com Olga Matos (2008) ao valorizarmos um sítio arqueológico além de salvaguardar, tendo por objetivo a pesquisa arqueológica e da investigação científica sendo muito importante além da própria intervenção, sobretudo, os contextos arqueológicos que são testemunhos culturais das civilizações passadas.

A musealização e valorização de sítios ambos os termos ou significações aparecem nos artigos e publicações científicas sendo que essas terminações fora do meio acadêmico e científico possibilitando uma nova significação social aos leigos. (MATOS, 2008).

Em primeiro lugar, antes de musealizar os sítios arqueológicos ser desenvolvido a elaboração do projeto de pesquisa, tendo os objetivos e as justificativas dessa intervenção nesse patrimônio, sobretudo, demonstrando o que pretendemos desenvolver, além do mais, o resultado da decodificação das informações tanto técnicas e científicas dos bens arqueológicos, ou seja, os dados que serão transmitidos ao grupo social alvo nessa pesquisa e das comunidades próximas e da sociedade (MATOS, 2008).

O procedimento de musealizar os bens arqueológicos visando meios alternativos para não ocasionar o aceleramento e a destruição dos vestígios arqueológicos no transcorrer da visita. No sítio se utilizando do uso de

sinalizações aos visitantes e dentre outros tipos de suportes informativos, tendo por finalidade o acesso à comunicação, ou seja, toda essa adequação do sítio a visitação ser devidamente projetado pelos profissionais antes da divulgação do lugar, pois senão estiver adequado não seja feita a divulgação do mesmo (MATOS, 2008).

Segundo Olga Matos (2008) os sítios arqueológicos nem todos têm a capacidade de ser escolhidos para integrar se um projeto de pesquisa e sem ter a devida obrigação de ser integradas aos museus de sítio ou centro interpretativos as intervenções feitas em pequena escala no caso do poder público municipal, em conjunto com as diversas e diferentes modalidades de sítios pertencentes ao conselho e de estabelecer uma ligação mútua de auxílio as demais instituições da região.

De acordo com os autores Carlos Guimarães; Évelin Nascimento (2006) o sítio arqueológico quando de fato se tornando um espaço musealizado quando o patrimônio selecionado está sendo destruído estando institucionalizado permitindo a sensibilização da sociedade e das autoridades na preservação do mesmo, tendo por objetivo de chamar a atenção do poder público e criando medidas e políticas de proteção de bens patrimoniais, mas essa iniciativa no momento ainda é insuficiente.

A referida lei contempla a possibilidade de que políticas culturais (incluindo a preservação do patrimônio) efetivamente implementadas possam ampliar os recursos, provenientes do ICMS, destinados ao município. A grande questão é fazer acreditar que primeiro é necessário investir (proteger) para depois ter o direito de receber os dividendos. Tendencialmente os gastos com outras rubricas acabam sempre se sobrepondo àqueles destinados à preservação do patrimônio.” (GUIMARÃES; NASCIMENTO, 2006, p.3).

O anteprojeto feito pelo Mário de Andrade proporcionou a criação de uma instituição de identidade nacional, tendo por objetivo de salvaguardar as memórias nacionais materializadas, porém o Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 levando em consideração os países europeus considerava como patrimônio de acordo com essas classificações é o histórico, artísticos, monumentos, mas essas atribuições deixaram de fora o estudo da cultura popular (JESUS, 2011).

Segundo as legislações e do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que classifica os conjuntos de bens culturais são classificados pela sua natureza que pode ser Arqueológico, Paisagístico e Etnográfico etc. (JESUS, 2011).

Deve se mencionar que antes do procedimento de musealizar os profissionais necessitam desenvolver uma pesquisa minuciosa referente à formação do sítio arqueológico suas transformações no passar dos anos se tornando em contextos arqueológicos, sobretudo, através do projeto de pesquisa pronto podemos perceber se realmente é necessária a intervenção nesse sítio. Os resultados obtidos da pesquisa arqueológica forem satisfatórios no segmento científico e de possibilitar o retorno desse conhecimento dos testemunhos culturais do passado a sociedade. (GUIMARÃES, NASCIMENTO, 2006).

De acordo com Olga Matos (2008) ao valorizarmos qualquer patrimônio arqueológico se faça possível um plano operativo, ou seja, ter um planejamento de intervenção museográfica de possibilitar a identificação e a interpretação dos significados dos vestígios do sítio pesquisado e de criar meios e alternativas viáveis de manter a integridade material nesse patrimônio.

A musealização muito além de preservar, pois permitindo o conhecimento do patrimônio que são testemunhos culturais de uma civilização no seu território, sobretudo, evitando a descontextualização dos contextos arqueológicos, ou seja, mantendo as características originais ainda garantir a preservação e a conservação dos vestígios existentes estando em estado natural no seu ambiente (MATOS, 2008).

A socialização de bens arqueológicos, assim como, na preservação e a interpretação do patrimônio é um serviço social, porque possibilita a educação dos bens patrimoniais a sociedade de salvaguardar o patrimônio coletivo, além do mais, conscientizar a valorização das culturas e do fortalecimento da identidade cultural da população (MATOS, 2008).

A escavação arqueológica provoca impacto irreversível no sítio, portanto é essencial que seja realizada uma investigação nesse lugar se os indícios comprovarem se têm o potencial de ser arqueológico se realmente forem comprovados pelos pesquisadores no planejamento do projeto, tendo o roteiro dos setores que pretendem iniciar a escavação e também do que pretende pesquisar nessa paisagem que tenha sentido com o público alvo da pesquisa arqueológica. (MATOS, 2008).

O que é facto inegável, do nosso ponto de vista, é que os projectos de musealização *in loco* das estruturas arqueológicas resolvem, definitivamente, o problema da sua descontextualização e, para alguns casos, minimizam uma postura de sacralização de objectos, tão frequente no discurso da museologia tradicional (MATOS; 2008, p.6).

O sítio arqueológico superando e muito os museus, porque os bens arqueológicos estão no seu ambiente de origem sem o uso do recurso tecnológico é muito utilizado nas instituições museológicas que permitem a reconstituição de diversos cenários expositivos, sobretudo, tentando se aproximar da realidade, além do mais, discurso expográfico que podem sofrer alterações, por exemplo, vaso cerâmico dependendo do contexto que será exposto esse acervo podemos mudar o cenário ainda a temática da exposição.

A exposição não é algo pronto, mesmo que, os organizadores pretendem abordar uma determinada temática ou assunto o visitante vai compreender de acordo com o seu conhecimento de vida e mundo.

Ao selecionarmos um determinado patrimônio que será submetido no processo de patrimonialização de sítios no projeto de pesquisa devem constar o estudo do espaço e a preservação do ambiente e a limpeza periódica do local ainda conservação do conjunto arqueológicos, além de tudo, intervenção, gerenciamento, divulgação e comunicação, comodidade aos visitantes, sinaléticas são essenciais esses itens na adequação do sítio a visita no segundo capítulo nesse trabalho será explicado, tendo por estudo a Charqueada Santa Bárbara (Pelotas, RS). (MATOS; 2008).

A autora Olga Matos (2008) esclarece no seu artigo são utilizadas tecnologias visando reconstituir a paisagem natural do sítio, porém vale ressaltar que é algo aproximado, porque nenhum tipo de tecnologia nem a mais moderna que seja tem a condição de apresentar de fato como eram no passado, portanto apenas, tentando demonstrar suas funções no passado e sua finalidade nos dias atuais no segmento científico, histórico, cultural.

Toda e qualquer perspectiva de reconstituição, seja ela no sentido de readaptação de um imóvel arquitectónico, seja ela no sentido da reevocação da imagem de um sítio arqueológico, com a finalidade de melhorar a compreensão e usufruto público do local, deve sempre pautar-se pelos princípios da autenticidade e da integridade dos seus vestígios e das suas mensagens, da reversibilidade e da percepção inequívoca de quais são as marcas do nosso tempo (MATOS, 2008, p.7).

A readaptação de prédios históricos e a reconstituição de sítios arqueológicos são importantes, pois o público terá a oportunidade de realizar uma volta ao passado e de relacionar com o presente, sobretudo, conscientização de preservar o patrimônio e a identidade nacional.

De fato, ao implementar a musealização, propriamente dito, sem dúvida as dificuldades começam a surgir é essencial que seja criado um planejamento de manutenção no sítio, assim como, medidas de preservação patrimonial e a limpeza do lugar ainda de verificar o estado de conservação de todos os recursos expográficos expostos no percurso do sítio, além do mais, estado de conservação dos vestígios e a vigilância nessa localidade (MATOS, 2008).

“No Brasil, o cuidado com o patrimônio seguiu trajetória própria, no contexto de uma sociedade patriarcal e hierarquizada” (FUNARI, 1995, p.3).

O patriarcalismo muito comum nas relações sociais, pois os direitos civis e igualitários estando muito distantes de uma sociedade hierarquizada, tanto que, existem somente nas leis, porque nem todos têm a mesma oportunidade. Pode-se dizer que a atitude de patriarcalismo ainda permanece no subconsciente da população, se deve ao fato aos problemas sociais herdados do passado antes do surgimento da democracia.

Segundo Funari (2010) a preocupação no Brasil com o patrimônio iniciando na República Velha, mas sua efetivação de fato, somente no ano de 1930, porque nesse momento que começaram as reivindicações de diversificação do patrimônio incluindo a cultura indígena nesse processo, tendo a participação atuante de Paulo Duarte e conseguindo os resultados solicitados na lei de 1961, porém a implementação da mesma não aconteceu, visto que nesse período era da ditadura militar que tinham por objetivo o nacionalismo e a homogeneização de culturas somente das elites de etnias brancas e das construções católicas, ou seja, a preservação do patrimônio somente desses grupos sociais.

De acordo com Funari (2010) a redemocratização do país aconteceu na década de 1980 com o término da ditadura militar, por conseguinte as identidades poderiam ser problematizadas e discutidas em razão dessas circunstâncias e os debates relativos ao Quilombo de Palmares considerados nesse novo momento político do país como símbolo do povo brasileiro que poderia ter sido melhor.

Pode se afirmar no término da ditadura militar o Brasil começando a se interessar pela preservação do patrimônio nacional, nesse trabalho pretendemos apresentar os sítios musealizados que deram certo no país e no mundo.

No país temos o Museu de Sítio Sambaqui da Tarioba sendo submetidos à intervenção e foram encontrados os artefatos e sepultamentos de civilizações de etnias sambaquianos. Os contextos arqueológicos que foram pesquisados e

mantidos no seu ambiente de origem, por conseguinte bens arqueológicos integrados na vida social da sociedade e incorporados de um modo de não prejudicar os testemunhos culturais desse passado que está exposto no sítio museu é aberta a visitação (TRINDADE, 2001, p. 40-41).

O sítio arqueológico foi localizado pelo Instituto de Arqueologia Brasileira em 1967 e tendo sua paisagem parcialmente destruída por causa da ocupação imobiliária nessa região. A preservação do sítio permitindo de conhecer os hábitos e modo de vida da pré-história do município, além disso, as escavações iniciaram no ano de 1988, tendo por objetivo a preservação e aproveitando do patrimônio ambiental que será as futuras instalações do museu sítio (TRINDADE, 2001).

O acervo é exposto, pois o sítio é aberto suas instalações no interior da Casa de Cultura. A conservação das suas coleções sendo realizada por diversos profissionais que atuam nesse sítio museu visando o controle da temperatura, umidade relativa do ar, luz, poluição para evitar as degradações (TRINDADE, 2001).

A iluminação natural penetrando no sítio museu somente essa luz solar iluminando a exposição, mas a luz artificial é utilizada para iluminar apenas as quadrículas que foram escavadas e foram encontrados os sepultamentos e as urnas funerárias também os setores dos painéis informativos (TRINDADE, 2001).

Ter o devido cuidado no museu sítio, pois foi realizado o corte na parede durante as por causa dos desmoronamentos, porém muito difícil de acontecer essa fatalidade, porque no planejamento escavações do museu a criação de passarelas é usada no percurso dos visitantes, além disso, sempre que possível a equipe que observam os sepultamentos é a parte mais frágil, porque se algum ambiente do sítio desmoronar é perda total das coleções (TRINDADE, 2001).

O procedimento de musealização no Sítio Sambaqui Tarioba permitindo a preservação desse patrimônio cultural e a conservação dos contextos arqueológicos e dos vestígios dos povos sambaquianos ainda de divulgar a cultura dos mesmos, por conseguinte a instalação desse sítio arqueológico foi à base de modelos museográficos para outros museus de sítios (TRINDADE, 2001).

Os visitantes que percorrem a área do sítio em cima das passarelas e podem observar os locais das escavações. A distribuição de painéis com textos explicativos e das vitrines que estão acondicionadas as diversas tipologias de artefatos descobertos os mesmos estão sendo protegidos da radiação solar e umidade etc. (TRINDADE, 2001).

O setor que está localizado as vitrines no solo tem as pequenas conchas que estão sendo protegidos por um plástico preto é também utilizada para cobrir os locais que não foram escavados por enquanto (TRINDADE, 2001).

Aproveitando a parede frontal do prédio tem um painel com as devidas explicações do bioma da região e do contexto cultural da civilização sambaquiana, por conseguinte os visitantes de observarem a estratigrafia demonstrando as diversas camadas do solo do sítio (TRINDADE, 2001).

A preservação dos artefatos descobertos na intervenção arqueológica que agora é o acervo do museu exposto em um ambiente aberto do sítio e os mesmos estão cobertos por uma telha de fibra vegetal (TRINDADE, 2001).

O programa de pesquisa do sítio de Tarioba tem por objetivo, o povoamento do território brasileiro no litoral e o nome do sambaqui escolhido pelos pesquisadores são de uma concha que foi descoberta na escavação é a *Anomolocardia* que a comunidade da região chama de “Tarioba” (TRINDADE, 2001).

Segundo a autora Trindade as intervenções nesse sítio arqueológico possibilitaram de conhecer o grupo sambaqueiros que deixaram a maior quantidade e diversidade de contextos arqueológicos no território brasileiro. Os artefatos mais encontrados nas escavações foram às ostras gigantes, conchas, pedras eram usadas para abrigos, batedores de pedra, lâminas de machados, restos alimentares, dentes humanos e de animais, vértebras, fragmentos cerâmicos, etc. (TRINDADE 2001 p.40,41).

O andamento do trabalho nesse museu sítio e a pesquisa realizada pelos profissionais que tudo fosse divulgado em diversos meios de comunicação atraindo a atenção da comunidade local e da região e do turismo, portanto o planejamento nessa divulgação e o resultado obtido dos estudos visando à comunicação museológica que serão transmitidos ao público (TRINDADE, 2001, p.58).

Assim, fica claro como foi importante este trabalho no município de Rio das Ostras, pois abriu novas possibilidades de escavação, já que o potencial arqueológico da região é muito grande, e o interesse da comunidade ajuda o pesquisador a desvendar os estudos das populações pretéritas devidas às informações que fornecem (TRINDADE; 2001; p. 42).

No museu sítio a proposta museológica da exposição permanente, tendo por objetivo de demonstrar ao público o grupo do Sambaqui de Tarioba relatando o modo de vida e o padrão de subsistência das civilizações pré-históricas que

realizavam os sepultamentos dos mortos e seus rituais e dos utensílios usados na sua alimentação e caça na pesca etc. (TRINDADE; 2001 p.50,52).

O Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville tem a exposição de longa duração de Pré- História Regional que foi planejada e montada em 1991. A exposição tem por objetivo de apresentar a cultura dos grupos sambaquianos da região de Joinville enfocando sua distribuição espacial, suas características culturais (BRUNO, GUEDES, AFONSO, ALVES, 1991 p.115, 116).

O projeto foi desenvolvido por profissionais de várias instituições, como: Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, Museu Arqueológico e Etnologia/ USP e o do Museu Emílio Goeldi é Paraense (BRUNO; GUEDES; AFONSO; ALVES; 1991).

A pré-história do museu, remonta ao trabalho do pesquisador e colecionador Guilherme Augusto Tiburtius, tendo destaque na arqueologia brasileira na década de 1950, por conseguinte ele pesquisou e registraram nas publicações os seus manuscritos o começo da sua pesquisa foi coletando artefatos dos indígenas, posteriormente passou escavar os sítios arqueológicos (BRUNO; GUEDES; AFONSO; ALVES; 1991 p.113, 114).

As coleções de Tiburtius foram compradas pela Prefeitura Municipal, porém na época dessa compra ficou decidido que era essencial a criação de um museu arqueológico que pudesse abrigar e acondicionar esses acervos e a construção do futuro prédio da instituição com fins museológicos (BRUNO; GUEDES; AFONSO; ALVES; 1991 p.113).

Pode se afirmar que a missão do museu desde a sua inauguração preocupava-se em pesquisar, preservar e divulgar a cultura sambaquiana, sobretudo, defesa dos sítios arqueológicos de Joinville foi uma das primeiras questões de ser estudada (BRUNO, GUEDES, AFONSO, ALVES, 1991).

A instituição tem vários projetos de conscientização de preservar os sítios arqueológicos dentre eles:

- Projeto em Curto Prazo; é adote um sambaqui em que as empresas privadas ou pessoas físicas poderiam colaborar financeiramente com o município.
- Projeto em Médio Prazo; é a exposição itinerante intitulada “S.O. S”.

Sambaquis apresentavam a constituição e a localização de sítios arqueológicos e a pesquisa de sambaquis e o ato de preservar o mesmo visando evitar sua destruição. O projeto foi apresentado nos colégios do município tanto de Santa Catarina e no Paraná. No segundo capítulo nesse presente trabalho explicando a atividade educativa no Sambaqui Espinheiro II. (BRUNO, GUEDES, AFONSO, ALVES, 1991, p.114-115).

A proposta museológica da exposição “Pré-História Regional” a caracterização do patrimônio ambiental da região de Joinville e de apresentar os costumes dos grupos de sambaquis a partir da alimentação dos coletores e pescadores, grau evolutivos e culturais das civilizações, morfologia do sítio, aprimoramento da subsistência e do tratamento dispensado aos mortos etc. A instituição tem atividades intra e/ou sítio fora do ambiente tradicionais dos museus (BRUNO, GUEDES, AFONSO, ALVES, 1991, p.115-166).

Pretendemos abordar a trajetória do Parque Arqueológico do Vale do Côa, foi descoberto por acaso no programa de aproveitamento hidrelétrico, tem por objetivo a construção de cinco barragens serão chamadas de “cascata do Douro” esse rio está localizado no interior de Portugal.

A última construção ser feitas na barragem do Pocinho, que foram encontradas as primeiras rochas da região, mesmo assim, continuando o programa de rede hidrelétrica na foz do rio Côa e o devido funcionamento “cascata do Douro,” que será usada quando tiver o aumento do consumo de energia.

O arqueólogo Francisco Sande Lemos realizou uma pesquisa no ano de 1989 de impacto ambiental na região do Vale do Côa e o resultado do relatório desenvolvido pelo Sande orientando é necessário que seja realizada a prospecção arqueológica da localidade, pois é provável que se encontrem outros sítios arqueológicos que tenham manifestações artísticas, tanto como, gravados ou pintados de antigas civilizações.

A empresa construtora da barragem realizando em 1981 o protocolo, tendo a participação do Instituto Português de Património Arquitectónico e Arqueológico que é o responsável pela investigação arqueológica do Projeto Arqueológico do Côa é coordenado pelo arqueólogo Nelson Rebanda.

O arqueólogo Rebanda começando a verificar as obras de construção da barragem a partir desse acompanhamento nas atividades pode identificar uma rocha gravada que pode ser paleolítica essa descoberta foi no ano de 1991 no Vale do

Côa, além disso, foram encontrados outros vestígios arqueológicos se fez necessário o abaixamento do nível das águas na foz do Côa que se tornaram visíveis as gravuras paleolíticas também na “Canada do Inferno”.

Em 1994 a descoberta do sítio arqueológico no Vale do Côa se tornando de conhecimento público com a publicação do jornal relatando com essas palavras a “Barragem de Foz Côa ameaça um achado arqueológico” foi atraindo atenção da comunidade científica para a região.

A preservação nesse momento foi muito discutida, porque nessa descoberta por acaso das gravuras é um achado arqueológico e a divulgação desse sítio quando a construção da barragem estando em pleno desenvolvimento, em consequência disso a construtora que não pretende encerrar as atividades, pois gastou muito dinheiro ainda da necessidade da região de ter uma barragem se realmente à comunidade científica está correta na cronologia se utilizando do argumento que a arte paleolítica encontradas no interior de grutas, além de tudo, defensores lutando pelo ato de preservar o Vale do Côa.

A empresa construtora fez o posicionamento que as gravuras encontradas não podiam ser do período paleolítico geralmente localizado nas grutas e não em outros locais especialmente ao ar livre, em razão disso tentando tirar a credibilidade do resultado da pesquisa da comunidade científica que nem sabia por exato a cronologia e com esses argumentos tentando continuar a construção da barragem.

Foram contratados diversos profissionais, tendo por objetivo de descobrir a cronologia dos vestígios, mas o resultado da datação das superfícies rochosas era da época pós-paleolítica, ou seja, inconclusivos a data de cada especialista. A cronologia em seguida foi refutada, na área científica, o principal contestador foi o João Zilhão, que os métodos de datação utilizados nas gravuras não poderiam estar corretos.

Com a confirmação que as gravuras são realmente de arte paleolítica, mesmo assim, o dilema continuava da construção da barragem no Vale do Côa ainda as divergências tanto do governo, comunidade local e região, científica. O governo decidiu que a construção da barragem se mantivesse, porém de modo a preservar o sítio retirando as rochas gravadas, tendo por finalidade instalação de um parque temático essa decisão das autoridades foi refutada pela comunidade científica.

Essa alternativa do governo sendo inviável, porque não é uma atitude de preservar estando destruindo o sítio arqueológico retirando do seu ambiente de origem sua descontextualização ainda retirando as rochas vai danificar as imagens das gravuras, sobretudo, desestabilizando a ordem das superfícies rochosas e a paisagem da região e também se manter submersas as mesmas perdendo os dados importantes da pesquisa arqueológica e na área científica e da observação visual desse patrimônio arqueológico.

Ocorre uma campanha de conscientização dos defensores do sítio e da comunidade científica tanto portuguesa e estrangeira pela preservação do sítio arqueológico do Vale do Côa essa mobilização permitindo as autoridades de impedir a destruição desse patrimônio, tanto que, criaram o “Movimento para Salvação das Gravuras do Côa”, mas nem todos da região estavam de acordo com esse movimento de proteger a foz da “Cascata Douro”, porque queriam o progresso econômico e social e dos empregos na região que poderiam ter com a construção da barragem.

O Parque Arqueológico do Vale do Côa tem por função “gerir, proteger, musealizar e organizar para visita pública” os monumentos incluídos na sua zona especial de protecção (art.º 13.º), tornando-se primeiro, e até ao momento único, parque arqueológico português. Já ao Centro Nacional de Arte Rupestre compete inventariar e registar todo o património artístico rupestre nacional, incluindo o do Vale do Côa (art.º 12.º) (PRETO, LUÍS, p.6;2001).

A Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO) as gravuras rupestres do Vale do Côa que agora encontrados no sítio do Vale do Côa considerados como patrimônio da humanidade.

Portanto, Parque Arqueológico do Vale do Côa tornando se sítio musealizado apesar de todas as adversidades, porém o turismo em massa nessa região que não foi levado em conta à preservação dos contextos arqueológicos e a conservação do solo advindo do impacto do excesso de visitantes e da adequação do espaço, tendo por finalidade de recepcionar o público e do acesso na temática da arte rupestre paleolítica dentre outros antes de ser feitas a divulgação do patrimônio arqueológico que ainda não está pronto nem para ser sítio (GOMES, 2001, p.24-25).

Segundo o artigo do arqueólogo Luís Raposo o projeto do Museu do Côa não é somente de preservar o sítio, porque a diversos interesses em jogo em busca do progresso econômico e sociocultural da região através do turismo, por conseguinte transformação de vila no interior de se tornar se um ponto turístico.

Acontecer de fato, criação de um museu que não seja gerenciado por empresas privadas, tendo por meta não ter vínculo com o governo nessa administração podendo ocorrer desvios e superfaturamento e interesses pessoais. Importante a criação de um museu sítio de criar meios de preservar os contextos arqueológicos e o patrimônio ambiental da região e a divulgação da arte e a cultura das civilizações paleolíticas.

No Brasil o projeto Paranapanema sempre tendo vínculo com os museus, tendo por objetivo a pesquisa arqueológica e a preservação e a divulgação do sítio arqueológico e das práticas museológicas, pois as coleções de artefatos descobertos em breve se tornando acervos nos museus.

Além disso, musealização tendo o devido gerenciamento das informações obtidas da pesquisa arqueológica e da sua documentação permitindo a partir da preservação de um determinado sítio de uma região e de expandir a importância de políticas de proteção dos bens patrimoniais, sobretudo, resultado das pesquisas seja a todos.

Enfim, sintetizando ao musealizar é o ato de selecionarmos um determinado objeto e de integrá-lo ao museu ainda de transmitir os valores simbólicos. Portanto, quando valorizamos um exemplar da cultura material acontecendo de fato, a musealização pode ser intra e/ou extra fora dos ambientes tradicionais dos museus, por exemplo, transferir o objeto de seu lugar de origem se tornando acervo de uma instituição museológica ou no seu próprio ambiente natural, assim como, no sítio arqueológico, museu sítio, jardim botânico etc.

2 A Preparação do Sítio Arqueológico Santa Bárbara para visitação

O trabalho de conclusão de curso de Bacharelado em História de Giullia Caldas dos Santos, *Brincando de Arqueologia em Pelotas: História e Arqueologia Pública na Charqueada Santa Bárbara* (RS-Brasil), defendido na UFPEL em 2012, apresentou as ações educativas realizadas pelo programa “O Pampa Negro” ressaltando a importância do sítio arqueológico Santa Bárbara (Fig1) nas atividades socioculturais, e também seu vínculo social.



Figura 1 - Charqueada Santa Bárbara.

Fonte: LEAL, Ana Paula (Arquivo do Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica).

A autora menciona que no programa educativo “Brincando de Arqueologia em Pelotas” (FIG.2). A equipe teve a precaução de convidar uma comunidade escolar próxima ao antigo complexo saladeril para visitar o sítio. A Escola Estadual de Ensino Fundamental Incompleto Sagrado Coração de Jesus se situa no número 812 da rua Anchieta, entre as ruas Almirante Tamandaré e Benjamim Constant.



Figura 2 – Fotografia da Ação Educativa.

Fonte: LEAL, Ana Paula (Arquivo do Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica).

Segundo Santos, foram escolhidas duas turmas da terceira série do ensino fundamental, dos turnos matutino e vespertino, para um programa de quatro encontros semanais. A primeira atividade educacional proposta aos estudantes foi pedir que os mesmos desenhassem o que acreditavam ser Arqueologia, e a cada encontro, uma nova atividade foi organizada e desenvolvida junto aos alunos.

O programa de pesquisa permitiu o acesso da comunidade local e do público ao sítio arqueológico e a informações acerca do contexto histórico da Charqueada Santa Bárbara no período escravista. Essas atividades educacionais são direcionadas à preservação patrimonial e os alunos aprenderem arqueologia e a importância de resgatar a memória e a identidade cultural da população.

Os estudantes compreenderam que a arqueologia estuda o passado e o presente da cultura material e dos vestígios materiais. Através dela, podemos conhecer a história dos povos africanos, entretanto, a publicização desse conhecimento precisa ser feita pela museologia.

A Arqueologia evidencia facetas das sociedades, descobre peculiaridades de um passado às vezes esquecido e faz aflorar os indicadores de memória, mas não tem potencialidades efetivas de comunicar-se em larga escala com a sociedade presente. “Já a Museologia se estrutura como área de conhecimento específica para viabilizar essa comunicação, mas depende evidentemente da produção de conhecimento próprio às áreas que estudam os indicadores de memória como é o da arqueologia (BRUNO, 1995, p.142).

A museologia tem, portanto, o poder de interagir com diversas áreas do conhecimento e torna-se interdisciplinar pelo seu valor social, e por estar sempre buscando alternativas para a participação da sociedade na defesa do patrimônio e da memória social, conseqüentemente da inclusão social e da cidadania da população.

2.1 Definições Iniciais

Nesse trabalho, diferentemente do trabalho de Giulia Santos no Bacharelado em História, consideramos a necessidade de adequação do sítio histórico à visitação.

Tendo em vista o aparato necessário na charqueada, sobretudo, o estabelecimento de um percurso de locomoção dos visitantes, com o auxílio de mediadores e de sinalização adequada ao ambiente. As informações se tornariam acessíveis aos visitantes, desde que as placas explicativas evitassem termos técnicos, e as visitas seriam previamente agendadas, determinando um limite de integrantes por grupo, para não ocasionar impacto no solo.

Pretendemos abordar soluções viáveis à visitação da antiga Estância Santa Bárbara e adequadas à paisagem, e ao território preservando, onde está o prédio histórico do complexo charqueiro, e também o Arroio Santa Bárbara.

Não se pode esquecer-se de questionar que esta proposta é interdisciplinar, possibilitando aos visitantes da charqueada a reflexão e a leitura das informações e dos contextos arqueológicos, estimulando a busca por mudanças na sua realidade social.

A museologia participativa pressupõe a presença e interação com a sociedade nas ações, busca a educação transformadora dos cidadãos renegando os preceitos da educação bancária. Segundo Paulo Freire, na educação bancária o receptor apenas recebe a informação, somente decora e não tenta refletir sobre o conhecimento adquirido (FREIRE, 1987, p.46).

Por sua vez, a Pedagogia do Patrimônio da UNESCO diz respeito a:

(...) toda a acção pedagógica fundamentada sobre o património (sic) cultural. Acções (sic) que assim fundamentadas integrem os métodos de ensino activo (sic) e criem disciplinas específicas que estabeleçam uma parceria entre ensino e cultura, e recorram aos métodos de comunicação e de expressão variadas (UNESCO, 1998).

Durante o percurso de visitação se faz possível o uso de recursos ou elementos expográficos, tendo o objetivo de facilitar a comunicação museológica em harmonia com o ambiente.

Em vista disso, se fortalece a memória individual e coletiva dos cidadãos, com o patrimônio do passado e também dos ancestrais, porque as atividades sócio-educativas são voltadas à formação de cidadania e ao aprimoramento do conhecimento de diversos grupos sociais.

Pode-se afirmar que as escavações e o estudo da arqueologia da escravidão desenvolvidos no programa de pesquisa "O Pampa Negro" podem se relacionar com a identidade, a cultura, ou a etnicidade. São capazes de interagir com o público alvo estudado, com os descendentes de escravos e demais grupos sociais que integram a sociedade.

2.2 Recursos Expográficos

Para a criação do roteiro de visitação na Charqueada Santa Bárbara seria essencial produzir folders contendo informações pertinentes, tais como os setores principais das escavações (FIG.3) e o lugar onde aconteceu a primeira escavação arqueológica do programa. Os folders trariam também o resultado mais significativo da pesquisa arqueológica e o mapeamento dos locais onde foram encontrados artefatos do século XIX, em especial de origem africana, que demonstram a resistência dos escravos em manter íntegra sua cultura. Esse material de apoio com as devidas explicações será entregue pelos mediadores aos visitantes do sítio.



Figura 3 – Escavações da Equipe

Fonte: LEAL, Ana Paula (Arquivo do Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica).

De acordo com Guimarães e Nascimento (2006, p.8,9), os dados obtidos num programa de pesquisa já desenvolvido possibilita a elaboração do roteiro que levará em consideração o estado atual do patrimônio histórico e o perigo de perder os vestígios arqueológicos a serem expostos no transcorrer da visita.

Segundo esses autores a revitalização de bens arqueológicos pode ser projetada levando em consideração a recuperação do contexto histórico do lugar e o resgate da unidade produtiva desenvolvida no passado do sítio.

Por exemplo, na Charqueada Santa Bárbara se pode aproveitar a paisagem da localidade e realizar a devida revitalização do espaço, tendo por finalidade recuperar a relevância do patrimônio, e ainda a memória do período escravocrata, sobretudo, a partir da leitura das informações e dos vestígios arqueológicos como reminiscências da escravidão.

De acordo com o artigo “Valorização de sítios arqueológicos” de Olga Matos (2008), é necessário adequar o sítio às condições sócio-ambientais do público que fará a visita.

Aproveitando os contextos arqueológicos remanescentes e criando soluções de revitalização, se pode proteger os bens culturais e aprimorar a linguagem museológica na locomoção dos usuários. Por conseguinte, haverá interação ativa entre eles e todos os tipos de dados informativos expostos no percurso de visita.

Queremos um visitante activa (sic) e participante, admitimos a possibilidade de se estabelecer uma relação sítio/visitante, nem sempre contemplativa – as iniciativas de sucesso dos museus com experiências interactivas (sic) e aquelas em que o visitante comanda o seu itinerário. (MATOS, 2008, p.40).

Também é importante organizar uma exposição no local que estará em funcionamento após o término do horário de visita, pois todos os recursos expográficos montados no percurso serão retirados, inclusive o cenário expositivo onde era no passado o Arroio Santa Bárbara, restando poucas adaptações do sítio, que não prejudiquem a paisagem e o percurso dos visitantes, como um desvio respeitando a flora, no lado do pátio.

Nos fundos das residências desse achado arqueológico é imprescindível apresentar aos visitantes a reprodução parcial da produção do charque e demonstrar que o serviço exaustivo dos escravos era feito o dia todo.

Podemos reproduzir o emprego da mão de obra escrava nas charqueadas através de imagens e ilustrações, e mostrar a cadeia produtiva em quatro banners expostos, visando retratar do modo mais fiel possível o cotidiano dos africanos, pois os visitantes, após a visita, terão suas reinterpretações de acordo com os seus conhecimentos de vida e suas visões de mundo.

No primeiro banner será representado o abate de bois e a retirada do couro do animal. A carne do mesmo era salgada, e depois ficava estendida no varal por vários dias a secar no sol, sendo retirada somente à noite. Toda essa etapa produtiva era realizada por vários escravos.

Outro aspecto que deverá ser planejado é a reconstituição da arquitetura principal do núcleo charqueador, representando a elite do século XIX que ostentava muita riqueza e luxo em consequência da exploração dos africanos.

Os frequentadores da charqueada estariam sempre acompanhados dos mediadores e estes serão devidamente credenciados e treinados para auxiliar todos os tipos de públicos, contando com o apoio didático dos panfletos explicativos da historicidade do sítio histórico em linguagem acessível.

Toda a comunicação a ser implantada não pode deixar de mencionar que essa antiga estância foi esquecida por alguns historiadores do charque. Na sua maioria, eles relatam o desenvolvimento de outras charqueadas do município de Pelotas.

A Charqueada Santa Bárbara foi redescoberta no ano de 2012, quando elementos de sua arquitetura e os vestígios arqueológicos remanescentes do século XIX foram localizados pelo professor Claudio Carle² da Universidade Federal de Pelotas. Este professor estava fazendo vistorias em terrenos comprados pela universidade, quando identificou um conjunto de edificações que, após pesquisas, foi reconhecido como pertencente a uma antiga charqueada (JAENKÉL, 2012, p. 144).

Até aquele momento, o sítio era desconhecido da comunidade e do Poder Público Municipal. O conhecimento da comunidade pelotense e região da existência da Charqueada Santa Bárbara e a divulgação do programa de pesquisa “O Pampa Negro”, de suas escavações arqueológicas e ações educativas, necessitam ser ampliadas.

² Docente adjunto do Departamento de Arqueologia e Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.

2.3 Valorização da Cultura Africana

O sítio histórico é um lugar de memória e também de pesquisa e investigação da cultura africana, de ação educativa com objetivo preservacionista, e de socialização da comunidade em geral. As pesquisas de arqueologia da escravidão desenvolvidas neste sítio permitem compreendermos a cultura material africana, seus ritos religiosos e processos de resistência dos escravos para manter sua identidade cultural, apesar de estarem aprisionados.

De acordo com o artigo de Ana Henning (2010), os pesquisadores perguntam aos quilombolas o que eles podem informar, ou que sabem acerca da escravidão, mas os descendentes de escravos relatam que seus familiares não falavam da época escravocrata, pois era algo muito doloroso e triste que não queriam relatar.

Portanto, as charqueadas de Pelotas são a materialização e a exteriorização da memória do regime escravocrata, resguardam diversos vestígios arqueológicos da época do “charque”. Contudo, a maioria das charqueadas pelotenses é ponto turístico, local de eventos sociais e/ou culturais. Somente o sítio histórico Charqueada Santa Bárbara tem programas de ensino voltados à educação patrimonial e à temática da escravidão nas ações educativas promovidas pelo programa “O Pampa Negro”.

Os africanos não deixaram documentos escritos, porém, através dos vestígios arqueológicos podemos verificar além da sua presença atuante na charqueada, a valorização da história dos escravos e da memória dos seus descendentes, de sua vida de sofrimento e a retirada à força de tribos da África, para serem explorados num país desconhecido e distante. Além do mais, é importante reconhecer a participação dos mesmos no desenvolvimento do país.

Um dos fatores que contribuiu para que a trajetória dos africanos no país caísse no desconhecimento é o fato de estudarmos nas instituições de ensino apenas a escravidão, mas nada das manifestações culturais africanas. Estas manifestações não deveriam ser excluídas da grade curricular, e deveriam integrar o ensino de História, pois o estudo da África é rico e tem forte ligação cultural com o Brasil.

As culturas africanas e brasileiras têm particularidades em comum, tais como: religiões de origem africana, por exemplo, umbandistas e candomblés, culinária, dança, música e até contribuições na linguagem e no modo de falar algumas palavras, etc.

As reportagens apresentadas nesse trabalho demonstram a importância na atualidade da divulgação e do resgate da cultura africana e a contribuição dessa nação ao estado do Rio Grande do Sul e ao país, de muitas maneiras, inclusive em ritos religiosos e manifestações culturais.

O doce de Pelotas, na concepção cultural de legado, tem origem “européia”, mas nas charqueadas quem preparava e confeccionava os quitutes eram as escravas, além de tudo, os doces eram utilizados nas oferendas aos orixás e nas manifestações ou nos rituais religiosos de todos os cultos africanos locais (MARÍLIA KOSBY apud REIS, In: Diário Popular, 16-06-2013, p. 12).

Segundo o presidente da Federação Sul-Rio-Grandense de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros, Joab Luís Carvalho, “na umbanda os doces rústicos são do tipo melado, porém na Bahia os pratos, típicos como o acarajé” (REIS, In: Diário Popular, 16-06-2013, p. 12).

Foi elaborado um Inventário Nacional de Referências Culturais do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (INRC-IPHAN) com o objetivo de tornar o doce de Pelotas patrimônio imaterial do país, e segundo Marília Kosby, Antropóloga e Mestre em Ciências Sociais da UFPEL, é possível fazer a unificação da religião e dos tradicionais doces pelotenses, tendo por objetivo a comunidade se apropriando da cultura (REIS, In: DP16-06-2013, p. 12).

Segundo o historiador e professor da UFPEL Fábio Vergara, “os africanos e os pobres urbanos tinham suas manifestações culturais como as festas de reviras e os batuques, ambas são festividades religiosas, mas têm origens diferentes, a primeira é portuguesa e a outra africana” (CIRNE, In: Diário Popular 7 de Julho de 2013, p. 8-9). Vergara afirma que “vestígios arqueológicos da religião dos escravos foram encontrados numa pequena gruta, na Charqueada São João (Pelotas, RS), os africanos esconderam na base da construção imagens de orixás, e tudo isso foi feito à surdina” (CIRNE, In: DP, 7 de Julho de 2013, p. 8-9), porém os mesmos “adotavam” os santos do catolicismo para disfarçar os seus cultos, por conseguinte algo não foi apresentado na reportagem: a religiosidade dos cativos era considerada

pagã e eles ainda eram punidos fisicamente ao aderir outra manifestação religiosa que não fosse à católica.

É certo que a Igreja católica sempre esteve presente na evangelização dos negros que esta considerava “desprovidos de alma”. E que a escravidão do índio era repudiada pela Igreja em detrimento da escravidão do negro. No entanto, mesmo lançando mão de todas as formas de resistência à imposição da evangelização católica oficial, o negro não conseguiu evitar que a influência daquela doutrina penetrasse em seus costumes e religiosidade (NOGUEIRA, 2009, primeira parte).

No final da reportagem de Max Cirne se fala da abolição da escravatura e do declínio econômico do complexo saladeril, após esse episódio, da crise financeira no município e demais atividades que tentaram manter os burgueses, mas que não deram certo, levando a cidade de Pelotas a perder seu prestígio para outras cidades da região (CIRNE in: DP7 de Julho de 2013, p. 8-9).

Mesmo estando em contato direto com os indicadores ou invocadores de memória das raízes africanas que integram a charqueada, os visitantes terão suas próprias considerações, sobretudo, visualizando os demais locais do patrimônio arqueológico.

Porém, a escravidão faz parte da história da nação brasileira, e temos conhecimento dela nas aulas de História. Somos miscigenados e descendentes de antigos escravos e antigos residentes de quilombos afastados da zona urbana, espalhados pelo país. Os estudos da escravidão preenchem uma lacuna histórica terrível no Brasil.

Segundo o artigo de Ana Henning (2011, p.7-8) nas imediações do município, os complexos charqueadores tinham os matos da Serra dos Tapes, o Arroio Quilombo, e o Passo dos Negros, todos utilizados pelos escravos nas fugas das charqueadas, sendo escolhidas essas regiões pelos africanos fugitivos por serem afastados da zona urbana de Pelotas.

Henning destaca o Quilombo do “Manuel Padeiro”, na época o mais conhecido. Os escravos consideravam Manuel um líder de resistência contra o regimento escravocrata e um enviado de Oxalá (Deus). Pode-se afirmar que “as fugas para esse lugar eram um modo de resistir e de lutar contra a opressão de serem escravizados, e ainda a chance de terem por algum momento a liberdade de recriar a fictícia África, seu país natal” (HENNING, 2011, p.8).

Além do mais, os africanos mantinham sua religião e os rituais religiosos de modo “camuflado”, para não serem punidos por seus proprietários. Porquanto os escravos tinham que aceitarem o catolicismo, eles nomeavam os santos católicos com nomes de seus orixás, ou seja, promoviam sincretismo religioso, mas tinham a fé que sua situação melhoraria, e tentavam se manter fortes na tentativa de sobreviver apesar da “vida horrível”, se pode dizer assim, que levavam.

Segundo Jefferson Nogueira, a resistência dos escravos se deu através da sua religião.

O candomblé era um dos meios que o africano utilizou para manter o sentimento de pertencimento a uma comunidade. Dentre outras práticas culturais como, por exemplo, a capoeira, o maculelê, a religião foi a que os negros se apegaram para manter viva sua memória e o sentimento da grande família africana (NOGUEIRA; primeira parte; 2009).

Na atualidade, em Pelotas as festividades religiosas do mês de fevereiro são realizadas no Balneário dos Prazeres, mais conhecido na cidade como “Barro Duro”. Às margens da Lagoa dos Patos se encontram homenagens e oferendas de fiéis do catolicismo, de umbandistas e simpatizantes das santas, Nossa Senhora dos Navegantes, Rainha do Mar Iemanjá.

No mar, acontecem encontros das embarcações das imagens, ou seja, as religiões africanas se mantêm resistentes e há grupos religiosos organizados como a Federação de Umbanda, que promove encontros semanais nos centros espíritas, e festividades de Orixás. Na Bahia, até hoje ocorrem nas igrejas católicas o encontro dos fiéis católicos e dos candomblés em celebrações religiosas, como por exemplo, as de Nossa Senhora dos Navegantes e Rainha do Mar Iemanjá, protetoras dos pescadores e dos mares dentre outros santos, vale ressaltar também as lavagens das escadarias da catedral baiana desenvolvidas pelas baianas como manifestação de sincretismo, que acontecem de modo pacífico atraindo o turismo para a região.

Retomando a história do Quilombo de Manuel Padeiro com o término da Revolução Farroupilha em 1845, uma ação liderada pelo presidente da província que enviou um efetivo composto de militares do Regimento de São Leopoldo e de voluntários. Na época, estimaram em torno de seiscentos escravos fugidos e os africanos que lutaram até o fim, porém foram massacrados num genocídio de adultos e crianças (HENNING; 2011, p.7-8).

A Henning (2011) menciona que o movimento revolucionário dos farrapos obteve a participação de africanos, os Lanceiros Negros liderados por Davi Canabarro. Os escravos fizeram um trato com os revolucionários farrapos, e no término da batalha seriam libertos. O batalhão composto apenas de escravos teve bom desempenho perante os oponentes, porém foi traído pelo próprio líder Canabarro que alertou os inimigos acerca de onde estavam os africanos e a tropa foi dizimada.

Esse episódio trágico ficou conhecido como “Guerra dos Porongos”. Esse nome se deve à região do Porongo, que nos dias atuais é a cidade de Pinheiro Machado. Nesta guerra, a etnia negra foi considerada inferior à etnia branca, pois não foram respeitados seus direitos civis (HENNING, 2011, p.6-7).

Escravidão houve até na Antiguidade, mas de modo diferente. As nações que perdiam a guerra tinham seus bens patrimoniais saqueados ou destruídos, por conseguinte, sua cultura era aniquilada. As populações perdedoras se tornavam escravizadas dos vencedores e, em outras situações, a falta de pagamento das dívidas tornava os devedores escravizados, sem nenhuma relação com etnias ou questões sociais e culturais.

O evolucionismo cultural classificava as sociedades de acordo com seu grau de evolução. Utilizando a civilização européia como padrão, todas as outras civilizações com características diferentes desse modelo eram consideradas inferiores (ROULAND, 2003).

Na formação do regime escravocrata, acreditavam que os povos africanos são atrasados culturalmente e chegavam a não considerá-los como seres humanos em razão da melanina escura, tratando-os pior que aos animais. Os europeus acreditavam que os escravos eram mercadorias das nações ditas “superiores”, as européias.

Merecendo ser mantida essa trajetória histórica, e a memória do regime escravocrata, para que esse retrocesso cultural não retorne nunca mais e o patrimônio cultural, material, imaterial que representam a antiga Estância Santa Bárbara possa proporcionar aos usuários e visitantes do sítio uma (re) construção da memória coletiva acerca do período charqueador.

O progresso econômico era grande nas charqueadas no século XIX, e a maioria da população de Pelotas era composta de africanos, o que tornou o município um amplo e importante complexo industrial do “charque” (CARDOSO; 1970).

O historiador Mario Osório Magalhães (1981) afirma que a cidade chegou a comportar cerca de trinta e oito charqueadas numa mesma época, instaladas nas margens dos Arroios Pelotas, Fragata, Santa Bárbara e Canal São Gonçalo. O charque é uma carne salgada e seca para ter mais durabilidade. Começou a ser produzido em Pelotas quando o português, José Pinto Martins, veio do Ceará no ano de 1779.

Segundo Magalhães (1981, p.14), durante muito tempo acreditavam que Martins era cearense, mas na verdade era português. Sua experiência industrialista foi adquirida no Ceará, porém há indícios de que antes da chegada do português no município ocorria salga de carne nas terras sulinas.

Com o progresso do empreendimento saladeril, outros decidiram seguir os passos de Martins. Vale ressaltar que o modo de salgar a carne no estado era apenas uma atividade econômica de subsistência tornando-se núcleo charqueador (MAGALHÃES, 1981, p.14-16).

No auge da economia do charque em Pelotas, ocorreu a construção de diversos prédios históricos, como o da antiga Charqueada Santa Bárbara. Reconstituí-la visualmente pode ajudar a conhecer a historicidade e o contexto social da escravidão na Santa Bárbara. Os livros didáticos não conseguem atingir esse objetivo de (re) construção de memória coletiva.

Com o apoio do folder explicativo, da instrução dos mediadores e da reconstituição visual, os visitantes, na antiga Estância do Arroio Pelotas poderão fazer o devido reconhecimento do sítio arqueológico, desde que se faça possível o uso de sinalética orientando os transeuntes na visita.

É possível a preparação da charqueada para visitação com materiais explicativos de apoio, de modo a não ocasionar impacto ambiental. Pois, os mesmos são retirados no término das visitas, o que resulta também em baixo custo financeiro.

O material gráfico e textual de apoio deve constar os dados essenciais das escavações arqueológicas, em linguagem que não seja restrita somente à comunidade acadêmica, aberta a todos que tenham interesse de aprender e estudar a arqueologia da escravidão.

As visitas no sítio histórico devem ser previamente agendadas, com limite de visitantes, pois o excesso de pessoas pode prejudicar o sítio arqueológico e também por questão de segurança dos grupos.

Nas imediações das ruas da antiga estância podem ser fixadas placas que explicam a localização da mesma e da sua importância histórica. Essas sinalizações têm a devida autorização do Poder Público.

Por conseguinte, algo que necessita ser realizado e visando ampliar a divulgação do programa de pesquisa “O Pampa Negro” é que o mesmo não está incluído na propaganda oficial de turismo da cidade de Pelotas. Nela as charqueadas pelotenses são apresentadas como patrimônio cultural do estado do Rio Grande do Sul e aparecem imagens delas, porém foi “esquecida” a Charqueada Santa Bárbara, complexo charqueio e rota dos africanos na região sul do estado. As placas de sinalização distribuídas pela cidade indicam os pontos turísticos, inclusive de quase todas as charqueadas do município, mas isso também não inclui a Charqueada Santa Bárbara, não consideram o endereço da mesma.

Pode ser a antiga Estância um ponto turístico, pois é a única na cidade que teve escavações arqueológicas e pesquisas relativas ao passado escravista e à cultura material africana, e dos descendentes de escravos, inclusive com projetos educativos de valor sociocultural.

Os cartazes e panfletos do programa de pesquisa podem ser distribuídos em todo o campus da UFPEL e de outras instituições particulares e educandários do município e da região.

Para tanto, é necessária a criação de uma identidade visual do programa “O Pampa Negro”. Isso é de extrema importância, porque esse símbolo será impresso no material gráfico, e aparecerá em blogs e sites divulgando as atividades arqueológicas e o resultado das pesquisas, a importância do estudo da cultura africana referente à Arqueologia da Escravidão e do seu valor social, das ações educativas desenvolvidas, e da preservação do sítio histórico Charqueada Santa Bárbara.

Na divulgação via internet de links relativos ao programa, podem estar às fotografias da charqueada, as plantas do sítio histórico e o mapeamento dela, abordagens sobre a história da mesma, das ações educativas já desenvolvidas e as medidas preservacionistas realizadas no local.

No site, o público seria convidado a conhecer o sítio histórico Charqueada Santa Bárbara, teria contato com seus diversos aspectos culturais, inclusive no plano imaterial: ritos religiosos etc. Sem dúvida, a internet, seria um chamariz e não apresentaria tudo, pois seu objetivo será chamar a atenção dos internautas para visitarem presencialmente a antiga Estância.

Quando chegar ao sítio histórico, o visitante receberá dos mediadores uma ficha de avaliação. Esse documento proporá perguntas sobre a visita e sobre o patrimônio cultural, além de campos para sugestões ou críticas, de modo que possa contribuir para a melhor recepção do público. Ao sair do local, o usuário não necessita se identificar coloca a ficha dentro de uma urna que está lacrada.

Outra proposta é a instalação de pequenas bancas desmontáveis para vender as lembranças da cidade de Pelotas e da antiga estância Santa Bárbara como; camisetas, botons, ímãs, por conseguinte o logotipo oficial do programa etc. Todos os valores das vendas seriam revertidos à manutenção do projeto de pesquisa “O Pampa Negro”.

Pode-se afirmar esse pequeno comércio contribui com a divulgação do sítio, pois, com o passar do tempo, as lembranças compradas permitem remeter à memória da charqueada, sendo ainda material de divulgação que pode ser visto por outras pessoas do convívio do mesmo, ou seja, propaganda do programa de pesquisa.

Imprescindível a instalação de banheiros químicos e também de guarda volumes e de bebedouros. Garantindo assim o bem estar dos usuários, tornando-o mais disposto e receptivo a receber as informações. Por conseguinte, poderão caminhar no sítio histórico de modo ativo com as informações recebidas e sempre acompanhados do mediador (MATOS, 2008 p. 42-43).

De acordo com a Cury, “o emissor emitindo as informações e o receptor é o visitante recebendo os dados obtidos e o retorno de ambos, as trocas de *conhecimentos*, é o diálogo, ou seja, o *feedback*, a retroalimentação permite a troca ativa de informações” (CURY, 2005 p. 5-7) ou, como foi mencionado no presente

trabalho, é a educação transformadora em que o usuário vai fazer a reflexão do que aprendeu e por em prática na sua vida cotidiana (FREIRE, 1987).

Durante a visitação, o público pode ter o acesso às informações acerca de como podem estar presentes durante o desenvolvimento das escavações arqueológicas, e de outras etapas das pesquisas do período escravocrata na época charqueadora na região sul.

O sítio arqueológico Santa Bárbara é a paisagem e o contexto arqueológico do passado escravista, com os resquícios da ação do tempo, revelando a história da mesma.

Nos fundos do complexo industrial de “charque”, podem ser colocados dois banners, o primeiro com imagens dos artefatos que foram encontrados nas escavações e o outro, com ilustrações de materiais de ferro, usados para manter os escravos presos, explicando que os mesmos são dados obtidos nas pesquisas de Arqueologia da Escravidão.

Nessa charqueada não foram encontrados objetos que mantinham os escravos acorrentados, por isso, os artefatos reproduzidos seriam de outros lugares, o que ajudaria a compreender o estudo e a pesquisa arqueológica relativo à escravidão.

Os usuários poderão manusear alguns objetos e ver as quadrículas escavadas, conhecendo o modo como é realizada a escavação, e os cuidados que precisam ser feitos no sítio, respeitando a preservação do meio ambiente e do patrimônio cultural.

Outro ponto a ser dito é que as atividades arqueológicas foram feitas de modo organizado, respeitando a natureza. De acordo com o caderno de campo do programa “O Pampa Negro”, tudo o que for encontrado nas escavações e não servir de utilidade ao programa de pesquisa retorna novamente ao solo, além disso, as ações são executadas de um modo que não prejudique os inquilinos que residem no imóvel histórico, sobretudo, respeitando a privacidade dos mesmos.

Por exemplo, no galpão interno com janelas pequenas que tem uma parede de argila com muita areia, e acelerado o processo de degradação pela ação do tempo, todos os tijolos do piso que precisaram ser retirados pela equipe de profissionais do programa “O Pampa Negro”, foram numerado para logo após a escavação serem recolocados dentro do possível em seu lugar original.

2.4 Discurso museológico e Educação Patrimonial

As metodologias utilizadas no sítio escola têm a contribuição de três áreas do conhecimento é a Museologia, Arqueologia, Conservação, porque nesse patrimônio cultural podemos ensinar os alunos e envolvendo a comunidade, mostrando que arqueologia faz parte da vida da sociedade.

Na antiga Estância tem a participação de museólogos e arqueólogos à interligação destes e atuando mutuamente, tendo por necessidade de estudar civilizações africanas e de compreender á musealização de acervos arqueológicos e do planejamento expográfico do sítio histórico Charqueada Santa Bárbara a partir dos vestígios arqueológicos.

E dessas análises de materiais desses profissionais e da produção de conhecimento do mesmo no ensino de educação patrimonial com o pleno apoio dos discentes nas escavações arqueológicas nas aulas práticas.

Essencial que ocorram, ações de conscientização com os profissionais e técnicos e bolsistas e voluntários que atuam no programa de pesquisa “O Pampa Negro” e relatando suas experiências de conhecimentos intelectuais e ainda, pessoais nesse prédio histórico.

A musealização permitindo a valorização da antiga estância, tendo por objetivo de preservar os contextos arqueológicos ainda presentes nesse sítio arqueológico é do regime escravocrata no século XIX de Pelotas no progresso econômico das charqueadas no Rio Grande do Sul.

O projeto de pesquisa fizesse um trabalho de educação patrimonial com os residentes da antiga Estância, porque quando forem encerradas as escavações arqueológicas os moradores possam continuar preservando a mesma.

Sendo ideal que os docentes e discentes do programa de discutirem com os moradores do prédio histórico, Charqueada Santa Bárbara se tem o conhecimento da história da antiga Estância e o seu valor histórico na cidade pelotense e a opinião deles a respeito das escavações realizadas e o impacto que essas escavações estão proporcionando nos inquilinos.

Citando, por exemplo, no estado de Santa Catarina o projeto “S.O. S Sambaquis” no município de Joinville foi segmentado em quatro partes são; formação e a localização, pesquisa e preservação.

“Foi realizado no projeto educativo denominado, Espinheiro II que fica localizada nas proximidades de um mangue, portanto nesse sítio arqueológico residem trinta famílias que estavam destruindo os sambaquis” (BRUNO et al., 1991, p.114-115).

A equipe foi visitar essas famílias e de conscientizá-los da importância dos sambaquis e a necessidade de protegê-los. Essa iniciativa de ação social foi um sucesso com a comunidade local, tanto que, passou a reconhecer e defender o sítio como seu patrimônio sendo que essa atitude da equipe do projeto educativo foi essencial, porque os moradores não precisaram ser retirados das suas residências. (BRUNO et al., 1991, p.114-115).

Outro exemplo;

Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 1992. A “Caverna do Ódio”: Um Exemplo de Utilização Social do Sítio Arqueológico.

Está localizada no sopé do Morro da Espia, próximo a cidade de Iguape, Município de Iguape, SP. Iguape é considerada uma das cidades mais antigas do Brasil. Seu nome surgiu a partir de lendas locais, em que nesta caverna eram castigados escravos, porém apesar dos estudos realizados não se encontrou nenhuma evidência desta história.

Nesse local também serviu de passagem para os povos nômades há milhares de anos. Ocupado por períodos sucessivos de curta duração o abrigo, conhecido como “Caverna do Ódio”, serviu a um pequeno grupo que aí se instalou para pescar e coletar moluscos.

Hoje, é um sítio arqueológico onde se encontra os vestígios de ações destes grupos representados através da estratigrafia, que mostra a sobreposição de camadas correspondentes às diversas ocupações, com a presença de manchas de carvão das fogueiras, de restos ósseos de peixes e de pequenos animais e carapaças de moluscos e crustáceos “Sambaquis”. O espaço de ocupação interna é de 30m² sendo chamado de Sítio Arqueológico Benedito Fortes.

O trabalho mostra a aplicação de algumas propostas para a utilização social deste sítio arqueológico. A área tem sofrido intervenções há muito tempo e em função disso, percebeu-se a necessidade de preservação.

Proposta de ampliar as informações, motivar a conscientização e valorização por parte da população, e inserir no programa de preservação que visa o aproveitamento didático e turístico do patrimônio arqueológico da região, por

consequente, a socialização das evidências arqueológicas através de projetos museológicos (SCATAMACCHIA; 1992, p.116-117).

Medidas para garantir a integridade física do sítio:

- construção de uma cerca de proteção;
- instalação de uma rede, impedindo a entrada no abrigo;
- montagem de um cenário;
- preparação para exposição;
- elaboração de painéis expositivos;
- confecção de placas.

Educação Patrimonial

- deve ser para a comunidade local e o público em geral;
- um processo contínuo é de fundamental importância para a formação da cidadania e para a construção de um vínculo das pessoas com sua cultura;
- exerce fundamentalmente o papel de formar sujeitos conscientes da necessidade de se apropriar e valorizar sua herança cultural;
- possui incontáveis funções enquanto formadora e exerce um papel básico na ordem social vigente, o despertar do sentimento de cidadania e de apreço cultural está agregado às necessidades comandadas pelo valor dado pela sociedade a determinado bem cultural que em muitos casos tal bem não é estimado pelo todo;
- deve motivar a conscientização e o esclarecimento para a população apresentado-lhes diretamente os bens culturais, transformando-os cada vez mais em pessoas capazes de construir novos conhecimentos, formando no brasileiro um senso especial, que é o da perspectiva histórica;
- nesse processo, a educação é entendida como o elemento fundamental para a auto-estima das populações;
- a educação em seu processo contínuo de formação estabelece no indivíduo uma consciência de que valorizar os bens culturais é de extrema importância para a transformação do meio em que se vive;
- o principal trabalho educacional relacionado à valorização da cultura está em desenvolver alternativas para que as comunidades se apropriem dessa herança se beneficiando de forma a criar mecanismo de auto-

sustentabilidade gerando assim, uma maior importância para que esses patrimônios sejam preservados;

- a Educação Patrimonial propõe-se como um método ativo e permanente de ensinar as pessoas, crianças e adultos, a aprender a conhecer o seu Patrimônio, e a compartilhar esse conhecimento com seus semelhantes;
- a implantação desta exposição ao ar livre é acompanhada de programação educativa ligada às atividades do Museu de Iguape;
- aproximarmos de uma proposta real e efetiva para as atividades práticas de Educação patrimonial junto a comunidades que dela necessitam, requer um melhor preparo e objetivo nas abordagens educacionais a serem propostas;
- o valor do patrimônio cultural junto ao público deve ser o objeto de avaliação, na realização de programas, que busquem uma maior interação e apropriação das pessoas de sua herança visando uma sustentabilidade;
- à medida que se tenha a consciência, da forma como se pode assimilar esse legado, as ações efetivas serão colocadas em práticas para um bem comum;
- para Fernandes (2007), Funari (2007) os arqueólogos nas suas atividades tendo por objetivo, nos projetos sociais o benefício do público em atuação com a comunidade e permitindo a todos que possam ter uma maior compreensão da civilização do passado e mundo;
- talvez esse sim seja um dos caminhos a ser tomado para uma ação mais efetiva da arqueologia e a questão pública começa-se a perceber que a proteção dos sítios requer o envolvimento da sociedade, que deve também usufruir dos benefícios da pesquisa arqueológica (BARBOSA, MELLO & VIANA, 2004);
- a Educação Patrimonial propõe-se como um método ativo e permanente de ensinar as pessoas, crianças e adultos, a aprender a conhecer o seu Patrimônio, e a compartilhar esse conhecimento com seus semelhantes.

As ações educativas do programa de pesquisa “O Pampa Negro” permitindo a comunidade pelotense e a região e também da sociedade de conhecerem a cultura africana sua importância no passado era renegado pelas elites e da burguesia, pois, os museus arqueológicos programaram novas formas institucionais e metodologias

alternativas, especificamente na organização do cenário expositivo, tendo por finalidade não somente reconstruir determinadas civilizações e o período da sua existência, além disso, apresentar apenas uma parcela da história dos ditos “vencedores” e “dominadores”.

Visando demonstrar através dos exemplares expostos os vestígios dos grupos marginalizados que tinham sua resistência contra os seus subjugadores, por exemplo, os africanos e indígenas, o primeiro citado faziam símbolos em seus vasos nos rituais religiosos, e o segundo a confecção de instrumentos tais como; machado e a plumagem de determinadas tribos que diferenciavam dos demais.

Imprescindível mencionar que os preceitos de valorizar o patrimônio nacional são os resquícios da Revolução Francesa e também quando o museu se tornou aberto a todos os grupos sociais (BOTTALLO, 1995 p.283).

Mas, ainda a instituição museológica foi um espaço de reconstituição da memória das nações na sua maioria com raras exceções, representando um determinado grupo social, como uma totalidade de uma nação a sua cultura material e cultural excluindo os grupos menos favorecidos os africanos, indígenas, orientais, pobres, etc. (BOTTALLO, 1995, p.284-285).

Imprescindível mencionar a constituição dos museus arqueológicos nas cidades européias se deve ao fato das escavações dos sítios arqueológicos tendo diversos materiais de valor, por conseguinte os objetos descobertos revelavam a origem de toda civilização européia, sendo esses tesouros clássicos eram leiloados a quem pagasse mais. O museu bem ordenado servindo de ser explorado cientificamente, pois estava vinculado ao orgulho nacionalista, ter por finalidade de criar uma identidade nacional.

A metodologia aplicada nas instituições museológicas e visando atrair atenção do público, sobretudo, cenário museal relacionando com o passado e dos dias atuais, ou seja, fazendo uma comparação, acrescentando se a isso que o usuário ao observar os acervos apresentados na instituição possa compreender de acordo com o seu conhecimento, pois no planejamento da exposição de artefatos arqueológicos não deve ser construída sua linguagem expositiva como “algo pronto”, porque o espectador vai tirando suas próprias conclusões de um determinado assunto. (BOTTALLO; 1995 p. 285-286).

Pode-se afirmar que a arqueologia praticada no Brasil, não se relacionou com os outros países, porque o processo de desenvolvimento arqueológico foi mais lento comparado a outras nações (FUNARI, 2007, p.64).

O material arqueológico brasileiro foi mais valorizado pelos estrangeiros que adquiriram os artefatos de modo ilegal. E também ressaltar que infelizmente no país, vários vestígios foram destruídos, não pela ação do tempo, na sua maioria do próprio homem em busca do progresso e da modernidade dos prédios ditos “velhos”, esquecendo-se do seu valor artístico e histórico e cultural (FUNARI, 2007, p. 62).

Podemos citar a metrópole São Paulo tendo poucas construções históricas, além de tudo, as senzalas e casebres que foram demolidos completamente, tendo por meta, acabar com os registros da presença destes grupos sociais; afro-decendentes, índios, pobres e orientais e enaltecendo o patrimônio das elites e burgueses são as catedrais católicas e os sobrados (FUNARI; 2007, p.62-63).

Foram demolidos esses patrimônios dos ditos “marginalizados da sociedade”, tendo por objetivo o esquecimento da cultura material desses povos e de somente de preservar o que é de interesse da elite e para seu uso social sendo administrado pelos mesmos, portanto essa patrimonilização de caráter elitista e também racista.

Sendo equívoco apresentar que no Brasil é país predominantemente católico e que não devem ser retratados os grupos sociais marginalizados e também os vestígios da escravidão e do extermínio de determinados grupos africanos e indígenas ainda da população pobre (FUNARI; 2007, p.63).

Esses grupos dominantes têm por finalidade de mantermo-nos alienados da visão do passado e de não reconhecermos nossa condição e o testemunho que fez nos vestígios do passado. A arqueologia tem contribuído no processo de patrimonilização no Brasil tanto que na década de 90 começando a reconstruir essa memória apagada pelas elites e burgueses que eram dominantes versus os dominados (FUNARI, 2007, p.63).

Segundo Funari (2007, p.67) ao preservar o patrimônio erudito e o popular temos que buscar a democratização da informação através da educação, mas a população ter o devido conhecimento da sua cultura e a identidade de todos os grupos e formadores sociais e culturais do Brasil, tendo o apoio do cidadão e da comunidade acadêmica e de buscar a reflexão crítica do patrimônio em comum não é fácil conseguir, porque somos “inclinados” ou “ensinados” a menosprezar os

antepassados ditos “inferiores”, por causa de etnia ou questões culturais especificamente dos africanos, indígenas, pobres, orientais etc.

Assim como, a “criação da identidade nacional,” que a nação brasileira sendo considerada “católica”, por conseguinte as igrejas e palácios reconhecidos como patrimônio nacionalistas sendo catedrais das elites econômicas de apenas preservar um só passado a do dominante pode-se dizer que essa ação de destruição cultural certamente entrando em conflito com a identidade nacional e do progresso do Brasil (FUNARI, 2007, p.60).

Os fragmentos, entre outros exemplares, são essenciais para que os museólogos e arqueólogos e também outros especialistas de outras áreas do conhecimento possam estudar os ditos “vencidos” ou “marginalizados” da sociedade teremos linha de pesquisa e do tempo, mas os vestígios de civilizações que no passado foram subjugados e desprezados do grupo dominante a cultura e as tradições eram renegadas especificamente dos africanos e indígenas e da população humilde (FUNARI, 2007, p.62-63).

Sendo de suma relevância, as coleções herdadas dos gabinetes de curiosidades a diversas áreas do conhecimento, por conseguinte desenvolvimento da pesquisa, porém reconstituição de determinados séculos e também o evolucionismo das civilizações extintas e ainda da pequena parcela existente na atualidade tais como os descendentes de escravos e de tribos indígenas e dos princípios de extermínios deles seja material, imaterial e cultural.

Podem-se dizer os colecionadores conseguiram diversos exemplares que foram adquiridos pelas expedições de países longínquos e também de saques e espoliações de nações que foram derrotados na guerra, portanto gabinetes de curiosidades promoveram os primeiros catálogos e as classificações da cultura da curiosidade sem dúvida contribuíram no processo de musealização de acervos arqueológicos dentre outros (RAFFAINI, 1993, p.159-160).

O questionamento de Pedro Paulo Funari sobre a arqueologia no Brasil começando ser mais valorizada quando se tornou uma disciplina acadêmica no reinado português e fornecendo o apoio, não somente o financeiro, mas também desenvolvendo os meios educacionais de analisarmos os artefatos arqueológicos e o auxílio dos estudiosos que proporcionaram o processo de desenvolvimento arqueológico no país (FUNARI, 2003, p.83).

A partir da Nova Museologia o surgimento de ecomuseus nos anos 70 tendo por objetivo, aproximação da sociedade desvinculando das noções de museus tradicionais que tem prédio físico e sendo esse “novo museu” é ao ar livre é o meio ambiente localizando no entorno de bens naturais, sobretudo, valorizando a região de tudo que seja regional (ARAÚJO, 2012, p.9,10).

Segundo Maria Célia Santos (2002) sendo Nova Museologia nos processos museológicos nos museus adequando de acordo com as necessidades dos cidadãos, além de tudo, desenvolvimento social destes ainda mostrar à sociedade que a musealização podem ser realizados fora do ambiente das instituições toda ação de conhecimento tem a contribuição da Museologia.

Os ecomuseus surgindo nas proximidades das comunidades locais os moradores que residem nessa região são os atores sociais os protagonistas desse patrimônio natural e auxiliando os mesmos podemos estudar o passado daquele espaço natural.

E da presença atuante dos moradores na atualidade de contar sua história e a reinterpretar os mesmos sobre questões sociais e da construção de memória, sobretudo, valorização da cultura regionalista de valor popular e enaltecendo as produções culturais e manuais dos grupos marginalizados da sociedade (ARAÚJO, 2012, p.6-8).

O que se consiste ser comunidade é os grupos de pessoas com interação social de mesma área geográfica e tem vínculos adicionais, ou seja, interesses similares na ação coletiva e na identidade compartilhada e histórias em comum tendo em busca a transformação social e da reflexão coletiva e finalizando na ação comunitária os residentes, tem por meta uma herança para a transformação da realidade.

Tem por objetivo os ecomuseus de atender os anseios e as necessidades dos moradores na iniciativa de reivindicar os direitos básicos e da melhoria na qualidade de vida em especial das populações a margem da sociedade no contexto social das comunidades e das regiões carentes. Aos novos museus de não somente agradar a sociedade o destaque primordial é a integração da comunidade regional, além disso, demonstrando que na instituição não necessitando existir com a presença de coleções (ARAÚJO; 2012 p.6-7).

As formações dos museus em especial os arqueológicos demonstrando a importância das práticas museológicas e das ações sócio educativas, porque a Museologia tem por característica o apelo social com a participação da sociedade e da parceria dos diversos profissionais e discentes que atuam no programa de pesquisa “O Pampa Negro: Arqueologia da Escravidão na Região Meridional do Rio Grande do Sul” (1780-1888), porquanto sítio histórico resgatando a cultura material dos africanos no regime escravocrata e da memória perdida dos antepassados dos escravos e afro-descendentes.

Segundo o artigo “Quilombos Pelotenses” de Ana Henning (2010, p.1) autora mencionando a Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988 reconhecendo a “diversidade cultural e a preservação da cultura afro-brasileira e a concessão dos territórios dos remanescentes de quilombolas são descendentes dos povos africanos o direito de ocupação de terrenos dos seus antepassados”.

No presente trabalho de conclusão de curso sugerimos a equipe de profissionais e estudantes do programa de pesquisa, “O Pampa Negro”, visitarem os quilombos da região, por exemplo, na Colônia Santo Antônio é mais conhecida como comunidade “Vila Nova” ou etnia francesa faz parte do distrito de Pelotas teve na época da escravidão o Quilombo de Manuel Padeiro nos dias atuais têm nessa comunidade os moradores que residem é os descendentes de antigos escravos mantém sua cultura tem a participação da comunidade escolar da região e do governo.

Ainda entrevistar as comunidades negras e os descendentes dos escravos ressaltando o que forem redescobertos nas escavações na antiga Estância é um patrimônio arqueológico e os artefatos redescobertos são dos africanos a cultura material e na atualidade os descendentes possam conhecer e reinterpretar essa história e a memória dos antepassados, além do mais, esses acervos arqueológicos é a herança deles.

Com as adequações necessárias no sítio histórico Charqueada Santa Bárbara a visitação do público em geral esse território futuramente possa ser tornar um ecomuseu, pois situado nas proximidades de um patrimônio ambiental da região, tendo a participação das comunidades locais residem nas proximidades da antiga Estância e de preservar a mesma e de participar do programa de pesquisa.

Na cidade pelotense tem diversas tipologias de museus, mas ainda falta ter um museu arqueológico, porque temos diversos exemplares arqueológicos que estão no momento na sede do laboratório do Lâmina, porque temos pesquisas satisfatórias e práticas museológicas tanto no campo de museologia e arqueologia.

Além de tudo, no dia da Consciência Negra, dia vinte de novembro, no sítio histórico Charqueada Santa Bárbara podem ser desenvolvidas atividades pedagógicas alusivas há essa semana tão importante para os afro-descendentes, para o orgulho de ser negro e também contra o preconceito racial e qualquer tipo de discriminação, etc.

Dia 07 de julho de 2013, a cidade de Pelotas promoveu várias atividades culturais pelos 201 anos de seu aniversário, tanto que, a Regional da Costa, da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes aproveitando essa data além de homenagear o município com pratos típicos da “Semana do Charque” integra a história da Princesa do Sul muito interessante esse resgate histórico, porém não foi mencionada nada relativa à escravidão.

Outro fator positivo que integra as ações alusivas à Semana de Pelotas a partir do dia 1º a 07 de julho na programação cultural desse ano no dia 4 a palestra e exposição de trabalhos do Núcleo de Estudos Afro Brasileiro são organizadas pela professora Maritza Freitas e Maria Graciane Pereira no Colégio Municipal de Pelotas.

No dia 05 do corrente mês Projeto tem a organização do Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas terá uma aula expositiva “A História de Pelotas e seu historiador Mario Osório Magalhães” na Escola Mario Quintana tendo entrada gratuita.

Pode se afirmar que a cidade de Pelotas pouco a pouco tem realizados projetos de ações sociais e culturais da presença dos africanos e a cultura dos africanos no município, porém ainda não sendo ideal sem dúvida um progresso de uma região que no passado o reduto de charqueadores que exploravam a mão-de-obra escrava.

Em suma o projeto de pesquisa “O Pampa Negro: Arqueologia da Escravidão Meridional” sendo desenvolvido na Charqueada Santa Bárbara tem contribuído na inserção social e também no seu papel de formador de cidadãos, tendo por finalidade o resgate da cultura africana e afro- descendentes, sobretudo, os

indicadores de memória dos africanos existentes nos contextos arqueológicos da localidade.

Os vestígios do sítio histórico é a reprodução natural da natureza que retratam o período do auge econômico das charqueadas no município e da região sul, por conseguinte as ações educativas realizadas nesse espaço permitindo o ensino de preservação patrimonial na antiga Estância e também o aprendizado da população de salvaguardar os bens patrimoniais é patrimônio coletivo de todos.

Considerações Finais

No trabalho de conclusão de curso foi discutida a potencialidade do sítio arqueológico Charqueada Santa Bárbara de se tornar um espaço musealizado, pois a valorização desse patrimônio cultural, sobretudo, buscando estratégias de preservação da mesma, por conseguinte o fácil acesso ao sítio histórico por parte da comunidade nas ações educativas. O visitante irá conhecer e aprender a temática da escravidão e dos contextos arqueológicos encontrados nesse sítio.

Os resultados qualitativos da pesquisa e dos materiais encontrados nas escavações arqueológicas, além do levantamento bibliográfico e das publicações interdisciplinares, apontam o potencial da Charqueada Santa Bárbara de se tornar um espaço musealizado.

As intervenções realizadas no sítio têm a atuação de museólogo e discentes de museologia dentre outros profissionais que reconhecem a importância de musealizar, tendo por objetivo a política de proteção dos bens patrimoniais e a manutenção dos contextos arqueológicos no seu ambiente de origem.

O resultado das pesquisas arqueológicas tendo o devido cuidado com o gerenciamento dessas informações obtidas e tudo seja documentado e realizado de acordo as práticas museológicas vigentes, por conseguinte, a extroversão do conhecimento não estando restrito somente à comunidade acadêmica, abrange todos os grupos sociais.

A importância dessa pesquisa para a sociedade é a valorização da identidade afro-brasileira e do resgate e da cultura africana dos descendentes de escravos e afro-descendentes na cidade pelotense por meio da musealização da arqueologia, o que motivando a apresentação de uma proposta de preparação do sítio para a visitação neste presente trabalho.

Tem por objetivo o resgate da história dos africanos e da trajetória dos mesmos na era charqueadora no município que estiveram escravizados na cidade de Pelotas, especificamente no extinto empreendimento saladeril da Charqueada Santa Bárbara, e da atuação dos africanos que ajudaram no desenvolvimento econômico na era charqueadora, além disso, fato da existência da antiga estância

ou charqueada ainda ser desconhecida pela comunidade. Mesmo a antiga Estância não sendo no momento musealizada, a intervenção nesse sítio histórico tem por característica cidadania, através dos serviços prestados sociais e culturais no município e na região sul do estado. A valorização dos bens arqueológicos é possível, por meio da investigação e da reconstituição da trajetória de vida e a cultura material dos africanos no auge do progresso econômico saladeril no município.

O prédio remanescente da charqueada foi modificado no seu interior, por conseguinte ruínas do imóvel demonstrando a necessidade de preservação patrimonial no sítio histórico em breve não terão mais informações do período da escravatura e charqueadora da região sul do estado.

A musealização no sítio demonstra à sociedade que a patrimonialização pode ser feita fora do ambiente das instituições museológicas, além disso, ações socioculturais desenvolvidas na charqueada, têm por objetivo a educação e de valorizar a identidade afro-brasileira.

A participação das comunidades no processo de musealizar o sítio arqueológico e das ações socioeducativas é essencial, pois permitem a conscientização da sociedade para a preservação dos bens patrimoniais.

O modelo museal nas atividades socioculturais desenvolvidas fora do ambientes tradicionais dos museus e dos resultados obtidos, através da análise e estratégia de musealização na Charqueada Santa Bárbara, podem contribuir diretamente para a compreensão da cultura africana e dos indicadores de memória do passado escravista existentes nesse sítio arqueológico.

A antiga Estância é um local de exteriorização de memórias importante no estudo na arqueologia da escravidão. Nela podemos conhecer a cultura dos africanos e a resistência dos mesmos contra o regime escravocrata. Os africanos que foram retirados à força do seu país de origem, escravizados, porém lutaram pela sua liberdade e por igualdade de direitos civis. Essas atitudes contribuíram para que as futuras gerações de grupos marginalizados ou minorias discriminadas reivindiquem seus direitos perante a sociedade. Mesmo com a libertação dos escravos no final do século XIX, os mesmos foram abandonados à própria sorte e continuam marginalizados na sociedade ainda no século XXI.

O ato de preservar e a socialização da Charqueada Santa Bárbara e das ações sociais desenvolvidas com a comunidade local, e da salvaguarda dos bens

patrimoniais como patrimônio coletivo que valorizam a identidade cultural, pois todas as culturas são importantes, pois Brasil recebeu de herança várias manifestações culturais de diversos colonizadores.

Enfim, a musealização na Charqueada Santa Bárbara é possível desde que seja planejada de acordo com as condições socioambientais do sítio, com limpeza e conservação da paisagem, adequação do espaço à visitação, acesso a comunicação, considerando ainda o bem-estar dos visitantes e os recursos expográficos expostos ao longo do percurso de visitação.

Portanto, o resultado mais expressivo nesse trabalho de conclusão de curso é a proposta de preparação do sítio arqueológico a visitação, tendo por objetivo de recepcionar o visitante ainda da criação do roteiro de visitação e do apoio do mediador permitindo o visitante de conhecer a charqueada e dos locais onde se começaram as primeiras escavações, e das ruínas do prédio histórico, além da história do ciclo do “charque” no auge econômico da era charqueadora e da cultura africana com a trajetória histórica da Charqueada Santa Bárbara na cidade de Pelotas.

Fontes Documentais

Diário Popular, 16.07.2013 – A tradição dos doces vistas por outra ótica.

Diário Popular, 29.04.2013 – Charque na homenagem da Abrasel à cidade de Pelotas.

Diário Popular, 07.07.2013 – Desde o início, os pelotenses se divertem.

Catálogo da Semana de Pelotas de 1º a 7 de Julho de 2013 - 201 Anos Cultura o elo entre você e Pelotas.

Referência Bibliográfica

ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Cristina (orgs.). **A memória de um pensamento museológico brasileiro**: documentos e depoimentos. Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

ARAÚJO, Helena Maria Marques; CANDAU, Vera Maria. **Museu da Maré**: entre educação, memórias e identidades. Rio de Janeiro, 2012. 238p. Tese de doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Sincretismo religioso no Brasil em *Casa Grande & Senzala*.

BRUNO, Maria Cristina O; GUEDES, Sandra P.L. de Camargo; AFONSO, Marisa Coutinho; ALVES, Maria Cristina. Um olhar museológico para a arqueologia: a exposição Etnologia. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 1, p. 113-129, 1991.

BRUNO, Cristina. **Cadernos de Sociomuseologia nº 09 (1996)**: Museologia e comunicação p.9-37, 1996 (Edições Universitárias Lusófonas).

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da Arqueologia**: um estudo de modelos para o projeto Paranapanema. São Paulo: FFLCH/USP, 1995. (Tese de doutorado, 1995).

BRUNO, Maria Cristina. A importância dos processos museológicos para preservação do patrimônio. In: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo. 1999.

BRUNO, Maria Cristina. Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. In: MILDNER, Saul E. S. (org). **As várias faces do patrimônio**. Santa Maria: Pallotti, 2006, p. 119-140.

BOTTALLO, Marilúcia. Os museus tradicionais na sociedade contemporânea: uma revisão. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. n.5, p. 283 a 287.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro/; Paz e Terra, 1977.

CARVALHO, A. V; FUNARI, P.P. A. O Direito à Diversidade: Patrimônio e Quilombo de Palmares. O presente artigo é uma versão revisada e ampliada da Publicação FUNARI, P. P. A.; CARVALHO, A. V.. O patrimônio em uma perspectiva crítica: o caso do quilombo dos Palmares. **Diálogos**, Maringá, PR, v. 9, n. 1, p. 33-48, 2005.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Cadernos de Sociomuseologia nº 20**. Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro. (Edições Universitárias Lusófonas, 2003).

CURY, M. X: Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, V. 12 (suplemento), p. 365-80, 2005.

CORREA, Henning Ana Clara. Quilombos Pelotenses: Etnocentrismo e Grau de (IN) Eficácia do Princípio da Dignidade Humana e de Direitos Fundamentais. Trabalho publicado nos **Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI** realizado em Fortaleza - CE nos dias 09, 10, 11 e 12 de Junho de 2010.

DE MENEZES, U.B. (1984). **Identidade Cultural e Arqueologia – Valorização do patrimônio arqueológico brasileiro**.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FERNANDES, Tatiana. **Vamos criar um sentimento?! Um olhar sobre a Arqueologia pública no Brasil**. São Paulo: USP. 2007. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. 2007.

FUNARI, Pedro Paulo A. (2007). **Arqueologia e Patrimônio**. Habilis editora. Erechim-RS.

FUNARI, P. Os Desafios da Destruição e Conservação do Patrimônio Cultural no Brasil. In: FUNARI, P. **Arqueologia do Patrimônio**, 2007, p. 11-24.

FERREIA, Luzia, Gomes; NASCIMENTO, Elinema, Pereira. “Socializar e/ou Musealizar? Reflexões Sobre o Projeto” Socialização do Sítio Arqueológico de Joanes Ilha do Marajó. 16 a 18 de Nov de 2011. Universidade Federal de Goiás. Trabalho apresentado **II Simpósio de Ciências Sociais subalternidades, trânsitos e cenários**.

FERREIRA Lúcio Menezes Arqueologia da Escravidão e Arqueologia Pública: Algumas Interfaces. [Conferência] **I Semana Acadêmica de Arqueologia da FURG-15 e 19 de junho, 2009 a**. Rio Grande: FURG, 2009. pp.1-17.

GUIMARÃES, Carlos Magno, NASCIMENTO, Évelin Luciana. M. De Sítio Arqueológico a Espaço Musealizado. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v.38, p.25-44, 2006.

GUARNIERI, Waldisa Rússio. Museu, Museologia, Museólogos e Formação. **Revista de Museologia**, São Paulo, v. 1, ano 1, n. 1, p. 7-11, 1989.

HENNING, Ana Clara Correa. Quilombos Pelotenses: Etnocentrismo Da Dignidade Humana e de Direitos Fundamentais. Trabalho publicado nos **Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI** realizado em Fortaleza - CE nos dias 09, 10, 11 e 12 de Junho de 2010.

JAÉNKEL Estefânia da Rosa. **Paisagens Negras: Arqueologia da Escravidão as Charqueadas Pelotenses**. Dissertação de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Orientação: Prof. Dr. Lúcio Menezes Ferreira. Pelotas: UFPEL/PPGMP, 2012.

JESUS, Priscila Maria. Narrativas patrimoniais: O discurso e as leis de tombamento nos Processos de Musealização Contemporâneos. **Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**. Diversidades e (Des) igualdades. Salvador, 07 a 10 de Agosto de 2011. Universidade da Bahia.

LEAL, Ana Paula da Rosa. **Musealização da Arqueologia: Documentação e Gerenciamento no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná**. 2011. 76f. Trabalho de conclusão de curso – Bacharelado em Museologia. Orientação: Diego Lemos Ribeiro. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas/ Instituto de Ciências Humanas, 2011.

LEÓN, Zênia de. **Memórias da Escravidão**. Pelotas: Editora do Autor, 1991.

MELLO, Janaina, Cardoso; BARROSO, Cristina, V. Almeida. Memórias de um passado de ruínas: Arqueologia, Musealização. In: **Situ e Educação Patrimonial**. 19, 20, 21 de outubro de 2011. Campos dos Goytagazes/ RJ. Anais.

MAGALHÃES, Mario Osório. **História e Tradições da Cidade de Pelotas**. Caxias do Sul: Editora da UCS, 1981.

MATTOS, Olga **Valorização de Sítios Arqueológicos** Volume 3 (2008), Escola Superior de Tecnologia e Gestão – Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

MATTOS, Gil Passos de; PETERS; TAVARES Eduarda; FERREIRA, Lúcio Menezes. Uso de Sistema Informações Geográficas No Estudo o da Arqueologia Da Escravidão – O Estudo De Caso Da Charqueada Santa Bárbara. Pelotas (RS). Trabalho apresentado no **CIC 2011 XX Congresso De Iniciação Científica-UFPEL**.

NOGUEIRA, Jefferson Gomes. **Sincretismo religioso no Brasil em Casa Grande & Senzala**: Influências na religiosidade brasileira (Parte 1). Publicação Organizada como apoio do grupo de pesquisa Arqueologia Histórica da UNICAMP.

RAFFAINI, Patricia Tavares, Museu Contemporâneo e os Gabinetes de Curiosidades. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. n.3, 1993: p. 159 a 164.

ROULAND, Norbert. **Nos Confins do Direito**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REIS, Lima Maria do Socorro. Além Dos Muros Dos Museus: Preservação O De Paisagem Cultural Na Área Da Denpasa (*SANTA BÁRBARA DO PARÁ*). O Pensamento Museológico Contemporâneo II **Seminário Investigação em Museologia dos países de língua portuguesa e espanhola**. Publicado por El Consejo Internacional de Museos – ICOM Editado por El Comité Internacional del ICOM para la Museología – ICOFOM Buenos Aires - Argentina 2011.

RAPOSO, Luís. Museus de Arqueologia e sítios arqueológicos musealizados – identidades e diferenças. **O arqueólogo português**, Série IV, n. 17, p.51-72, 1999.

SCATAMACCHIA, M.C.M. et ali (1992). A "Caverna do Ódio" Um Exemplo de utilização social do sítio arqueológico. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. SP. 1992.

SOUZA, Ana Inês (2001) (Org). **Paulo Freire Vida e Obra**. São Paulo Expressão Popular.

SANTOS, M. C. T. **Museu e Educação: conceitos e métodos**. Artigo extraído do texto produzido para aula inaugural – 2001, do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, proferida na abertura do **Simpósio Internacional “Museu e Educação: conceitos e métodos”**, realizados no período de 20 a 25 de agosto.

SANTOS, M.C.M. A preservação da memória enquanto instrumento de cidadania. In: Repensando a ação cultural e educativa dos museus. Salvador: Universidade Federal da Bahia, instrumento de cidadania. In: **REPENSANDO a ação cultural e educativa dos museus**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1999.

SANTOS, M.C.M. Capítulo IV- **Reflexões Sobre a Nova Museologia**. Volume 18. Número 18. Ano 2012. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363>> Acesso no dia: 20/06/2013.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Cadernos de Sociomuseologia nº 18(2002): **Reflexões museológicas: Caminhos de vida**. (Edições Universitárias Lusófonas, 2002).

SANTOS, Giullia Caldas dos. **Brincando de Arqueologia em Pelotas: História e Arqueologia Pública na Charqueada Santa Bárbara (RS-Brasil)**. Trabalho de Conclusão (Bacharelado em História). Orientação: Lúcio Menezes Ferreira. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas/ Instituto de Ciências Humanas, 2012.

TRINDADE, Denise Chamum. **Arqueologia e memória: o caso da musealização do sambaqui da Tarioba**. Rio das Ostras, Fundação Rio das Ostras de Cultura, 2001.

VELLA, Nicholas, C. (200). **Whose Past? The Public and Archaeology** in the 21st Century. Is a Lecturer in the Department of Classics and Archaeology. He is Assistant Director of the University's excavations at Tas-Silg, Marsaxlokk.

VIANNA. C. A. et al. (2004). **Educação Patrimonial em Contexto Urbano**. (Vale dos Sonhos) Ver. Habitus. UCG. Goiânia.

VARELA, Mário Parque arqueológico do Vale do Côa. **Crônicas de Arqueologia e Museografia**, n. 10, p. 23-25, 2001.

Consultas on-line

REVISTA MUSEU CULTURA LEVADO A SÉRIO. Artigo Arqueologia da Escravidão edição brasileira. Data: 19 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://www.revista.museu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=28648>> Acessado no dia: 07 de agosto de 2012.

IGUAPE. Disponível em: <www.guiadeiguape.com.br> Acessado em: 03 de julho de 2013.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ESCOLA, ALUNO/ PROFESSOR SOCIEDADE. Disponível em: <www.webartigos.com/artigos/educacao-patrimonial>. Publicado em 27 de janeiro de 2010 em Educação. Acessado em 12 de maio de 2012.

NA “MARÉ” DA NOVA MUSEOLOGIA. Disponível em: <www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/21758/21758_4.PDF>. Acessado em: 03 de julho de 2013.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. In: <www.planalto.gov.br/.../constituicao/constituicao.htm>. Acessado em 03 de julho de 2013.

Pau-Preto, Fernando. **Plano de Ordenamento de Parque Arqueológico**. Uma nova figura de planejamento. Disponível em: <http://www.paupreto.net/comunicacoes/popa_uma_nova_figura.pdf>

Processos para pensar a musealização: um estudo das Ruínas da Igreja Inacabada na cidade de Alagoinhas/BA./arquivos/anais/ex2_musealizacao.pdf. Acesso no dia, Acesso no dia 20/06/2013.